

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

DANIELA MOREIRA DA SILVA

“POR TRÁS DA FEIRA: Estudo de caso da Feira Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre/RS.”

Porto Alegre

2022

DANIELA MOREIRA DA SILVA

“POR TRÁS DA FEIRA: Estudo de caso da Feira Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre/RS.”

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Rumi Regina Kubo

Coorientador: Sandra Mara Mezalira

Porto Alegre

2022

DANIELA MOREIRA DA SILVA

“POR TRÁS DA FEIRA: Estudo de caso da Feira Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre/RS.”

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 01 de agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Daniela Dias Kuhn
DERI/ UFRGS

Msc. Carolina Silveira Costa
PGDR/UFRGS

Prof. Dra. Catia Grisa
CLN/ UFRGS

Dedico este trabalho à minha família, pelo apoio incondicional em todas as minhas jornadas, cada um com seu papel e sua importância na construção de meu caráter, e de cada degrau, até hoje alcançados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial à minha família pelo apoio durante o período de graduação. À minha mãe e ao meu pai, pelo apoio sempre incondicional e incentivo ao estudo. Ao meu esposo e meu filho pelo carinho, paciência e compreensão pela minha ausência, nem sempre física. À minha irmã, pelas diversas conversas e orientações. E por me ensinarem no dia a dia a importância da agroecologia nas nossas vidas.

A UFRGS, que pela segunda vez me oportunizou um ensino público gratuito, de qualidade e pelo seu compromisso na formação de profissionais qualificados para o mercado de trabalho e para a vida.

Aos professores e tutores que nos acompanharam nesta jornada acadêmica.

Ao “Trio Maravilha” que me proporcionou grandes amizades, muitas risadas, parceira nos trajetos e nas tarefas. A caminhada tornou-se mais fácil e carregada de leveza na companhia de vocês.

Ao Polo de Santo Antônio da Patrulha, que nos acolheu para que nos sentíssemos em casa.

Aos meus colegas do curso de graduação do grupo “Democracia da Terra”, que assim como eu acreditam que outro mundo é possível.

Aos colegas de trabalho, que os últimos dois anos, período da pandemia, que me compreenderam e compartilharam das mesmas angústias.

A todas as oportunidades que a vida me proporcionou até hoje.

A primeira condição para modificar a realidade
consiste em conhecê-la. (Eduardo Galeano)

RESUMO

As feiras urbanas estão inseridas nas comunidades desde a idade média. Fazem parte do cotidiano das famílias envolvidas, melhorando renda e proporcionando aos consumidores uma proximidade com os alimentos consumidos. Já as feiras agroecológicas têm o diferencial de comercializar produto de qualidade e livre agrotóxicos, além de produção através de práticas sustentáveis. O presente trabalho teve como objetivo caracterizar os feirantes agroecológicos da Feira Ecológica do Bom Fim (FEBF), do município de Porto Alegre no estado do Rio Grande do Sul, quanto ao perfil socioeconômico e culturas produzidas. Essa feira ocorre a mais de 30 anos no mesmo local, com periodicidade semanal, acontecendo todos os sábados, sendo referência na venda de produtos de origem orgânica e com uma oferta variada e diversificada de produtos *in natura*, minimamente processados e processados aos consumidores. Além de um local de comercialização, a feira é um espaço cultural, de troca de saberes, de reciprocidade e de encontros. O estudo foi realizado no período de maio e junho de 2022, através de entrevista estruturada com 36 questões semiabertas. Foram entrevistados 48 dos 52 feirantes, que atuam todo o sábado nesta feira. A entrevista foi composta a partir de três blocos de perguntas, sendo que na primeira buscou-se questões relacionados ao perfil socioeconômico, direcionadas a todos os feirantes. Na segunda parte, as questões eram direcionadas aos agricultores, sobre o perfil produtivo, tipos de culturas produzidas, questões fundiárias e ambientais. E na terceira e última parte, as perguntas foram destinadas a quem processa alimentos em agroindústrias familiares. A análise aponta que os feirantes da FEBF são na maioria homens, com grau de instrução mais elevado, e que estão na feira a menos de 10 anos, constituindo renovação no espaço. Já os que são agricultores produzem em áreas e espaços menores, na grande maioria possuem assistência técnica e são proprietários das Unidades de Produção Agrícola (UPA's). Já entre os processadores de alimentos, a maioria possui agroindústria a mais de 10 anos, processam produtos de origem vegetal e possuem mão-de-obra própria ou familiar.

Palavras-chave: Feiras urbanas. Agroecologia. Produtores Agroecológicos. Feira Ecológica do Bom Fim.

ABSTRACT

Urban markets have been part of communities since the middle ages. They are part of the daily lives of the families involved, improving income and providing consumers with a proximity to the food consumed. The agro-ecological fairs, on the other hand, have the differential of commercializing quality and pesticide-free products, in addition to production through sustainable practices. The present work aimed to characterize the agroecological marketers of the Ecological Fair of Bom Fim (FEBF), Porto Alegre/RS, regarding the socioeconomic profile and crops produced. This fair has been held for over 30 years in the same place, on a weekly basis, every Saturday, being a reference in the sale of products of organic origin and with a varied and diversified offer of fresh, minimally processed and processed products to consumers. Besides a commercialization place, the fair is a cultural space, of knowledge exchange, reciprocity, and meetings. The study was carried out between May and June 2022, through a structured interview with 36 semi-open questions. We interviewed 48 of the 52 market vendors, who work every Saturday at this fair. The questionnaire was composed of three parts, and in the first part, questions related to the socioeconomic profile were asked to all market traders. In the second part, the questions were directed to the farmers, with questions related to the productive profile, types of crops produced, land and environmental issues. And in the third and last part, the questions were aimed at those who process food in family agro-industries. The analysis points out that the FEBF marketers are mostly men, with a higher level of education, and that they have been at the fair for less than 10 years, constituting renewal in the space. The farmers, on the other hand, produce in smaller areas and spaces, and most of them have technical assistance and are owners of Agricultural Production Units (APUs). Among the food processors, most have an agro-industry for more than 10 years, process products of vegetable origin, and have their own or family labor force.

Keywords: Urban markets. Agroecology. Agroecological Producers. Ecological Fair of Bom Fim.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da Feira Ecológica do Bom Fim (FEBF), na segunda quadra da Rua José Bonifácio, Porto Alegre, RS.....	24
Figura 2 – Mapa ilustrativo segundo a distribuição dos municípios de residência dos feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.....	29

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição quanto ao sexo, entre feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.....	27
Gráfico 2 – Distribuição quanto a identificação étnico-racial, entre feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.....	27
Gráfico 3 – Distribuição dos municípios de residência dos feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.....	28
Gráfico 4 – Distribuição entre feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS, pelo tipo de certificação orgânica.....	30
Gráfico 5 – Distribuição dos feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS, por faixa de idade.....	31
Gráfico 6 – Distribuição dos feirantes, da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS quanto ao grau de escolaridade.....	31
Gráfico 7 – Distribuição quanto ao tipo de banca, entre feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.....	32
Gráfico 8 – Distribuição quanto ao tempo na feira, entre feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.....	33
Gráfico 9 – Distribuição quanto a forma de obtenção de renda entre feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.....	34
Gráfico 10 – Distribuição quanto a origem dos produtos comercializados na Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.....	34
Gráfico 11 – Distribuição quanto ao tamanho da propriedade rural entre agricultores feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.....	36
Gráfico 12 – Distribuição quanto a condição do produtor em relação à terra entre agricultores feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.....	37
Gráfico 13 – Distribuição quanto ao tempo de cultivo no sistema agroecológico entre agricultores feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.....	37
Gráfico 14 – Distribuição quanto ao tipo de força de trabalho utilizada entre agricultores feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.....	39
Gráfico 15 – Distribuição quanto ao tempo de funcionamento da agroindústria entre feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.....	42
Gráfico 16 – Distribuição quanto ao tipo de atividade exercida na agroindústria, entre agricultores feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista de produtos disponibilizados por produtores parceiros.....	35
Quadro 2 – Hortaliças, legumes, raízes, tubérculos e outros vegetais comercializados na comercializados na Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.....	40
Quadro 3 – Frutas comercializadas na FEBF.....	41
Quadro 4 – Produtos processados pelos feirantes e comercializados na FEBF.....	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ARCOOÍRIS – Cooperativa de Produtores Ecológicos de Porto Alegre
- ASSUDETE – Associação dos Moradores e Produtores Rurais do Sudoeste de Porto Alegre
- CNPO – Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos
- DAP – Declaração de Aptidão ao Pronaf
- DFA – Divisão de Fomento Agropecuário
- EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
- FAE – Feira dos Agricultores Ecologistas
- FEBF – Feira Ecológica do Bom Fim
- PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
- IBGE – Instituto Brasileiro de Economia e Estatística
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- IRGA – Instituto Rio Grandense do Arroz
- HA – Hectares
- MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
- MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário
- OCS – Organismo de Controle Social
- OMS – Organização Mundial da Saúde
- ONG – Organização Não-Governamental
- OPAC – Organismo Participativo da Avaliação da Conformidade Orgânica
- PANC's – Plantas Alimentícias Não-Convencionais
- PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
- SARA – Síndrome da Angústia Respiratória Aguda
- SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
- UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UPA – Unidade de Produção Agrícola

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	OBJETIVOS.....	15
2.1	OBJETIVOS GERAL.....	15
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
3	JUSTIFICATIVA.....	15
4	REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
4.1	AGRICULTURA DE BASE ECOLÓGICA.....	18
4.2	AS FEIRAS URBANAS E AGROECOLÓGICAS.....	18
4.3	CADEIA PRODUTIVA E O MERCADO DE ALIMENTOS DE BASE ECOLÓGICA.....	19
5	METODOLOGIA.....	20
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	22
6.1	HISTÓRICO DA FEIRA ECOLÓGICA DO BOM FIM.....	22
6.1.1	A Feira Ecológica e a Pandemia.....	24
6.2	RESULTADOS DA ENTREVISTA ESTRUTURADA.....	26
6.2.1	Caracterização dos Feirantes da Feira Ecológica do Bom Fim.....	26
6.2.2	Caracterização dos Agricultores da Feira Ecológica do Bom Fim.....	35
6.2.3	Caracterização dos Feirantes da FEBF que possuem Agroindústria.....	41
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS.....	46
	APÊNDICE A – Roteiro da entrevista estruturada	52
	ANEXO A – Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido.....	58

1 INTRODUÇÃO

A Feira Ecológica do Bom Fim (FEBF), está situada na Avenida José Bonifácio ao lado do Parque da Redenção, em Porto Alegre, RS. Essa feira acontece há mais de 30 anos, todos os sábados pelas manhãs, sendo referência na venda de produtos de origem orgânica e com uma oferta variada e diversificada de produtos *in natura*, minimamente processados e processados aos consumidores.

Os agricultores e feirantes que comercializam neste local, possuem certificação de conformidade orgânica, que garante a qualidade do produto, livre de agrotóxicos, de insumos químicos e produção através de práticas sustentáveis. Essa feira, possui um caráter local e regional e, além de um espaço de comercialização de produtos, é um espaço de encontros, troca de saberes e de conhecimentos, constituindo-se em um espaço cultural e social.

A produção agroecológica identifica e preserva a identidade sociocultural dos agricultores oriundos de comunidades rurais e sua relação com a terra e com meio ambiente. Segundo Guzmán (2001), ao contrário da ciência convencional, que utiliza uma forma de conhecimento atomista, mecânica, universal e monista, a agroecologia, respeita a diversidade ecológica e sociocultural e, portanto, outras formas de conhecimento, propugna pela necessidade de gerar um conhecimento holístico, sistêmico, contextualizador, subjetivo e pluralista, nascido a partir das culturas locais.

A produção de alimentos orgânicos, assim como seu consumo, tem crescido muito nos últimos anos, devido a inúmeros fatores que vão desde a saúde e consciência alimentar e ambiental, a fatores ligados ao mercado (oferta e procura). Para Clemente (2020), as feiras agroecológicas, mais do que uma feira de comercialização de alimentos, são locais que garantem a liberdade de escolha de como e o que produzir, respeitando as práticas de produção, distribuição e consumo, a cultura local e a biodiversidade, fortalecendo a soberania alimentar.

Devido a isso, conhecer o que é produzido, como é produzido e por quem é produzido torna-se importante e nos permite traçar o perfil produtivo das Unidades de Produção Agrícola (UPA's) e dos agricultores que comercializam seus produtos na Feira Ecológica da Bom Fim, buscando-se traçar o perfil socioeconômico, conhecer a produção agrícola e a diversidade produtiva.

Diante disso, o problema de pesquisa é: Qual o perfil dos agricultores/feirantes quanto as culturas produzidas?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender o fenômeno contemporâneo das feiras agroecológicas urbanas, a partir do estudo do perfil socioeconômico e produtivo de agricultores participantes da Feira Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discorrer sobre o fenômeno/histórico das feiras Agroecológicas Urbanas;
- Identificar o perfil socioeconômico dos feirantes e agricultores da Feira Ecológica do Bom Fim em Porto Alegre/RS;
- Analisar o perfil socioprodutivo dos agricultores da Feira Ecológica do Bom Fim em Porto Alegre/RS.

3 JUSTIFICATIVA

Para compreender o momento atual de um local e poder realizar um plano de desenvolvimento rural sustentável que contemple em uma perspectiva futura, caminhos para a execução de ações propositivas, ter claras as dinâmicas e evoluções socioeconômicas, deve-se, primeiramente, conhecer o perfil do grupo a ser analisado. Realizar uma pesquisa dos tipos de produção permite a formação de diversas informações que subsidiarão aos envolvidos uma melhor tomada de decisões, pois para a elaboração de um diagnóstico é necessário, a priori, traçar o perfil do grupo que se pretende analisar. A Feira ecológica do Bom Fim em Porto Alegre/RS, é uma das maiores feiras agroecológicas do mundo e com um papel importante na comercialização de alimentos orgânicos no estado, sendo muitas vezes a principal fonte de geração de renda de muitas famílias e tendo uma contribuição decisiva no desenvolvimento rural sustentável, na preservação da saúde humana e do planeta. A compreensão sobre a decisão das estratégias de produção, distribuição e consumo de alimentos, as formas de cultivo, os modos de produção, o diálogo dos agricultores com as redes agroecológicas e outras redes regionais, são importantes para entender os motivos que mantem o agricultor no campo, assim como o seu direito da escolha produtiva.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 AGRICULTURA DE BASE ECOLÓGICA

Petersen (2009) enfatiza que o resultado de como estamos tratando e explorando o planeta resultará em desequilíbrios de enormes proporções, provocando crises energéticas, hídricas, mudanças de paisagem e climáticas, extinção de espécies da flora e fauna, todas interconectadas e acontecendo simultaneamente. Somado a isso, a combinação de uma população mundial crescente e cada vez mais urbanizada, desenha um cenário perturbador que nos confronta com dilemas decisivos.

O discurso de uma agricultura que produzisse em larga escala e altamente produtiva para alimentar uma população em crescente aumento, iniciada na metade do século passado, chamada de Revolução Verde, justificando uso de tecnologias exógenas (maquinários, sementes modificadas, agrotóxicos, insumos químicos, etc), se mantem até os dias de hoje, causando não apenas problemas ao meio ambiente, mas também sociais, pois é um sistema excludente, desmerecendo e deslegitimando outros modos de vida baseados na mão de obra familiar (DAL SOGLIO, 2009).

Para Petersen (2009), uma das soluções sustentáveis para produzir alimentos é a “revitalização da agricultura familiar com base nos princípios da Agroecologia”, podendo atender as demandas alimentares da população mundial que está em crescente aumento. O autor lembra que a “agricultura familiar de base ecológica é intensiva no uso de conhecimentos e de capacidade de gestão dos ecossistemas” (PETERSEN, 2009, p. 63).

Há muito tempo tem se buscado novas formas de agricultura voltadas a preservação do meio e da manutenção dos recursos naturais. Diante disso várias denominações alternativas surgem em contraposição aos modelos convencionais de produção agrícola: orgânico, ecológico, biodinâmico, biológico, permacultura, entre outros. Mas nenhum modelo foi o suficiente para dar resposta aos problemas socioambientais produzidos pela Revolução Verde (CAPORAL, 2004).

Para Caporal (2004), nesse interim surge proposição do termo agroecologia, que pode ser entendida como uma ciência que nos traz novo enfoque científico, considerando o agrossistema como setor de análise, que vai além de termos simplistas, apresentando-se como um novo rumo para a elaboração de agriculturas de base ecológica ou sustentáveis, e contribuindo no planejamento de um desenvolvimento rural mais sustentável. Para o mesmo autor, o mundo tem buscado formas de produzir, menos danosas ao meio ambiente e protegendo

os recursos naturais. Por isso, a agroecologia é muito mais do que apenas um modelo de produção, ela carrega consigo variáveis ambientais, sociais e econômicas, além disso traz as bases científicas para apoiar os estilos de agricultura sustentáveis em contraposição aos sistemas convencionais. Apenas a substituição de insumos químicos e agrotóxicos por insumos “orgânicos” não torna a agricultura ecológica em seu sentido mais profundo.

Agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura, como o estabelecimento de novas estratégias para o desenvolvimento rural e novos desenhos de agriculturas mais sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar, holística (CAPORAL, 2011, p. 88).

Segundo Penteadó (2003), a agricultura baseada em sistemas não convencionais de manejo da terra, em princípios ecológicos, na utilização racional dos recursos naturais através de modos de produção menos danosos ao meio ambiente é chamada pelo termo de orgânico. Seu compromisso ultrapassa apenas a parte produtiva, tendo sua missão com a “saúde, a ética e a cidadania do ser humano, visando contribuir para a preservação da vida e da natureza”.

No Brasil, a agricultura orgânica começou sua organização a partir da década de 70, através de estudos e práticas, de vários estilos alternativos de agricultura, por parte, de agricultores/técnicos/consumidores. Naquela época não havia legislação específica, que veio a surgir apenas em 1999, através da Instrução Normativa 7 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)¹. Mas foi no ano de 2002 que as participações democráticas se multiplicaram, envolvendo o governo, universidades, Organizações Não-Governamentais (ONG's), associações, cooperativas, entre outros, e de lá em diante houve diversas publicações de novas leis que estabeleceram os regulamentos para comercialização, produção, processamento, extrativismo e regramento para as certificações de conformidade orgânica (IFSUL Minas, 2017, p. 8).

A Lei 10.831, de 23 de dezembro de 2003 (BRASIL, 2003), estabeleceu o que é um sistema de produção orgânica e definiu suas finalidades, colocando os termos, ecológico, biodinâmico, natural, biológico e agroecológico abrangidos dentro da “denominação de produto orgânico” (IFSUL Minas, 2017, p.8).

¹ BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Instrução Normativa nº 7 de 17/05/1999. Estabelece as normas de produção, tipificação, processamento, envase, distribuição, identificação e de certificação da qualidade para os produtos orgânicos de origem vegetal e animal.

4.2 AS FEIRAS URBANAS E AGROECOLÓGICAS

Guimarães (2010) nos apresenta a origem das feiras livres, que datam na Idade Média na Europa, tendo um importante papel no desenvolvimento e crescimento das cidades. A venda era da produção excedente e acontecia, principalmente, em rotas comerciais. Já no Brasil, as feiras livres estão enraizadas na cultura e na história do país tendo registro de feiras desde à época colonial, trazida pelos Portugueses, e feiras africanas ao ar livre. Para o mesmo autor, apesar das feiras terem um caráter claro de comercialização, ela tem importância para a cultura popular, trazendo conceitos como o de “identidade, comunidade, hábitos, relações e comunicação (GUIMARÃES, 2010, p. 7)” possibilitando aos envolvidos, principalmente os de classes menos elevadas, o “sentimento de humanização (GUIMARÃES, 2010, p. 7)”.

Para Godoy (2007), as feiras livres comportam-se como espaços para interações comerciais e pessoais, com trabalho informal e basicamente familiar, gerando a necessidade de serviços diretos e indiretos, desempenhando função decisiva na consolidação econômica, social sob o olhar dos agricultores e um local que desempenha papel social, econômico, cultural e diversificado segundo o olhar dos consumidores. As feiras de agricultores trazem, intrinsecamente, com elas outras lutas, como conflito pela terra e pela permanência na mesma, o alimento livre de agrotóxicos, o direito ao alimento saudável e de qualidade, o protagonismo da mulher na configuração familiar, o movimento contra a monocultura, que causa a perda de biodiversidade e o desequilíbrio ambiental (RODRIGUES, 2019).

Já as feiras agroecológicas, mais que espaços de transações comerciais, enfatizam a promoção da segurança e da soberania alimentar, na medida em que estimulam uma relação de troca mútua entre consumidores e produtores (CLEMENTE, 2020). As feiras agroecológicas, estão inseridas nas chamadas Redes Alimentares Alternativas (AFNs - Alternative Food Networks) que são uma alternativa ao modelo agroalimentar industrial, privilegiando os circuitos curtos de comercialização, e possui características de cooperação social e parcerias entre agricultores e consumidores; reconexão entre produção e consumo dentro de padrões sustentáveis; dinamização de mercados locais com identidade territorial e revalorização da circulação de produtos de qualidade diferenciada, como é o caso de produtos de base ecológica (DAROLT, 2012).

Para Sabourin (2014), as feiras agroecológicas constituem espaços, por serem espaços de venda direta, ocorrem relações de reciprocidade e proximidade, onde o encontro direto entre o produtor e o consumidor gera, além da relação comercial e mercantil, “valores afetivos: sentimentos de conhecimento mútuo, de reconhecimento mútuo e até de amizade ou valores

éticos, de respeito mútuo e de fidelidade” (SABOURIN, 2014, p. 103). As relações tornam-se menos formais e tornam-se espaços de trocas interpessoais, gerando proximidade entre os envolvidos.

Ainda, para Darolt (2012), o mais importante para caracterizar um circuito curto ou cadeia curta é o fato de um produto chegar nas mãos do consumidor com informações que lhe permitam saber onde o produto foi produzido (lugar), por quem (produtor) e de que forma (sistema de produção – orgânico ou convencional). Esses circuitos curtos de comercialização e redes alternativas comercializam os produtos segundo Darolt (2012) e Schneider (2015), na forma de feiras livres, vendas a domicílio (cestas), casas dos produtores, agroturismo vendas institucionais e também acontecem nos mercados locais e regionais como mercearias, pequenas redes de supermercados, fruteiras e restaurantes.

Clemente (2020), em seu trabalho nas feiras ecológicas que acontecem na Universidade Federal de Alagoas, em Maceió, entendeu que elas foram importantes para erradicação da pobreza, geração de renda, autonomia, desenvolvimento socioeconômico, estímulo de práticas sustentáveis e protagonismo dos agricultores, assim como respeito à cultura e a diversidade dos envolvidos. Houve estreitamento das relações entre os agricultores e consumidores, resultando em melhoria da qualidade dos produtos ofertados e o interesse dos consumidores sobre os modos de produção.

A cidade de Porto Alegre tem uma experiência bem-sucedida no assunto de feiras agroecológicas, uma vez que possui uma das maiores feiras orgânicas do mundo em termos de expositores (INSTITUTO BRASIL A GOSTO, 2020): a Feira dos Agricultores Ecologistas (FAE) e a Feira Ecológica do Bom Fim, funcionam há mais de 30 anos, atendendo cerca de 17 mil pessoas por edição. Uma curiosidade é a intenção da mesma ser registrada no Guinness Book, como a maior feira semanal a céu aberto. A diversidade de alimentos é grande, que vão desde frutas e verduras *in natura* até produtos minimamente processados e processados (ROMANOV, 2020).

4.3 CADEIA PRODUTIVA E O MERCADO DE ALIMENTOS DE BASE ECOLÓGICA

De acordo com a Embrapa (2016), o mercado mundial de produtos orgânicos tem crescido, com valores de vendas atingindo 80 bilhões de dólares em 2014. São cerca de 172 países e 2,3 milhões de produtores envolvidos na produção de alimentos orgânicos e a produção ocupa uma área de 43,7 milhões de hectares (EMBRAPA, 2016). No ano de 2019, segundo o CIORGÂNICOS (2021) esse mercado atingiu 106 bilhões de euros. Os Estados Unidos é o líder

do mercado (44,7 bilhões de euros), seguidos pela Alemanha (12,0 bilhões de euros) e a França (11,3 bilhões de euros).

O Brasil está se consolidando como um grande produtor e exportador de alimentos orgânicos, com mais de 15 mil propriedades certificadas e em processo de transição – 75% pertencentes a agricultores familiares (SEBRAE, 2020). Segundo o Brasil Food Trends (2020), a procura por alimentos saudáveis vem aumentando significativamente nos últimos anos. O perfil do consumidor de alimentos está mudando mundialmente, e no Brasil não é diferente, o perfil do consumo de alimentos, mostra que cerca dos 21% do grupo entrevistado preza por alimentos que tragam benefícios a saúde e buscam saber qual a origem dos alimentos que consomem, e 51% dos entrevistados alegam que pagariam mais por alimentos produzidos através de práticas sustentáveis. Uma tendência, segundo a mesma pesquisa, é o aumento de consumo de produtos mais nutritivos e de qualidade.

No estudo de Schultz (2001), sobre a cadeia produtiva de alimentos orgânicos, é levantada a questão de que apesar do modelo de feiras livres ser o mais adequado para a comercialização de produtos, segundo os seus agentes, pelo fato de haver a proximidade entre agricultor/consumidor, com o aumento da demanda por alimentos orgânicos, esse formato tem se mostrado insuficiente para atingir os objetivos, se utilizado como única forma de distribuição desses alimentos. Para o autor ocorre um dilema por parte dos produtores em aumentar a demanda para atender o mercado e ao mesmo tempo ter que comercializar os produtos. E da parte dos consumidores, a necessidade de se adaptarem a realizar suas compras conforme a disponibilidade de horários e dias de feira. Nesse estudo ele demonstrou os ambientes institucionais e organizacionais da cadeia, e identificou os fatores de desempenho e de debilidades.

Na caracterização das cadeias produtivas devemos considerar alguns itens, buscando-se em todas as suas dimensões: leque de produtos finais (disponibilizados ao consumidor) e de produtos da agropecuária envolvidos; segmentos (ou elos) a montante e a jusante da agropecuária; transações entre esses diversos segmentos; ambiente institucional e organizações de representação e apoio; delimitação geográfica, buscando identificar a existência de diferenças regionais ou nacionais; delimitação do período de tempo (MIELE, 2011).

5 METODOLOGIA

O presente estudo envolve a abordagem da pesquisa quali-quantitativa, pois procurará compreender e estudar, como princípio do conhecimento, dados que podem ser mensurados. Essa perspectiva metodológica cabe neste estudo, uma vez que, utilizará uma fonte de dados

objetiva e o retrato resultante desse trabalho representará um retrato real da população alvo (GERHARDT, 2009 apud FONSECA, 2002).

Quanto à natureza da pesquisa, ela é básica, uma vez que, objetiva buscar novos conhecimentos, mas sem necessariamente ele ser aplicado na prática de forma imediata (GERHARDT, 2009). Quanto aos objetivos da pesquisa, ela é descritiva, pois necessitará de inúmeras informações para explicar o tema do estudo. Esse tipo de pesquisa não elabora hipóteses, tampouco faz observações. É uma pesquisa organizada e planejada, de forma que os fenômenos e fatos descritos pertencem a determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987 apud GERHARDT, 2009). Os procedimentos que serão adotados será a pesquisa de levantamento, onde teremos um conhecimento direto da realidade da Feira do Bom Fim, pois será realizado o levantamento dessa população alvo, podendo os dados obtidos serem agrupados em tabelas que possibilitarão uma riqueza de análise e estática do trabalho (GERHARDT, 2009) e o estudo de caso, que segundo Fonseca (2002) apud Gerhardt (2009), nesse tipo de pesquisa, o pesquisador pretende conhecer situações que são únicas e entender o motivo dessas características, mas sem intervenção sobre o objeto do estudo.

Para a análise dos dados fez-se a tabulação dos dados apresentados nas entrevistas em planilhas do Excel 365 para cálculos estatísticos descritivos, a partir da qual, buscou-se interpretar a luz dos objetivos e referenciais da pesquisa.

Para este estudo participaram 48 dos 52 agricultores/feirantes, dentre as 90 bancas, que comercializam seus produtos na Feira Ecológica do Bom Fim em Porto Alegre/RS. Todos foram convidados a participar da pesquisa e os entrevistados foram em sua maioria os titulares das bancas e seus familiares. Quando os titulares ou as famílias das bancas, não estavam presentes, a entrevista foi concedida pelos colaboradores.

Os agricultores/feirantes foram informados que poderiam não participar do estudo, e no caso de concordância na participação, deveriam assentir através do Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecido (ANEXO I). Foi assegurado aos agricultores que suas respostas seriam utilizadas para fins de pesquisa acadêmica, deste trabalho e/ou de outros que poderão surgir através deste. O nome deles não será divulgado, sendo preservada a total privacidade.

Para a coleta de dados, em um primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica por meio de artigos, livros, cards etc., a fim de serem descritos e apresentados significados, termos, trajetória e conceitos sobre as Feiras Agroecológicas Urbanas e o histórico da FEBF.

Em um segundo momento, foi realizada a coleta dos dados primários, que ocorreu por meio de entrevista estruturada (APÊNDICE I). Foi solicitado aos feirantes, na reunião da feira,

que ocorre periodicamente todos os sábados às 6:45h, a autorização para a pesquisa e coleta dos dados. No dia 07 de maio de 2022, foi realizada uma entrevista, com auxílio de quatro acadêmicos de diversos cursos da UFRGS, com 36 questões estruturadas, com todos os feirantes.

O questionário foi dividido em três partes, sendo que na primeira parte as perguntas foram relacionadas ao perfil socioeconômico dos feirantes, abrangendo questões como escolaridade, gênero, idade, tipo de certificação. Esta primeira parte foi direcionada a todos os feirantes, 48 deles responderam essa parte. Na segunda parte, a entrevista foi destinada apenas aos agricultores, pois foi relacionada ao perfil produtivo e tipos de culturas produzidas. Foram analisadas questões ligadas a questão fundiária e ambiental, tendo sido entrevistados 35 agricultores. Na terceira parte, as perguntas foram destinadas a quem realiza processamento de alimentos, então, todos os feirantes, agricultores ou não, que realizam processamento em agroindústria, fizeram parte da pesquisa, esta parte da pesquisa foi respondida por 26 feirantes. Optou-se pelo desenvolvimento da entrevista estruturada com todos os feirantes, para ter um menor número de absenteísmo e uma quantidade maior de respostas. As perguntas utilizadas foram, em sua maioria, de questões já validadas previamente, como o do Censo Agropecuário do IBGE. Outras questões foram elaboradas pela autora, mas não passaram pelo processo prévio de validação.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1 HISTÓRICO DA FEIRA ECOLÓGICA DO BOM FIM

A FEBF iniciou suas atividades em 1991, acontecendo de forma alternada com a Feira da Cooperativa Ecológica Coolmeia, que tinha iniciado suas atividades em 1989. Em um segundo momento, começou a acontecer, concomitantemente, com a Coolmeia, mas na segunda quadra da Avenida José Bonifácio, onde está até hoje (CUERVO, 2020).

Segundo o estudo de Schultz (2001), devido a maior necessidade de escoamento dos produtos da Coolmeia e a necessidade de mais feiras, a prefeitura criou oficialmente a segunda quadra para que fosse utilizada pelos produtores da Cooperativa Arcoóris (SCHULTZ, 2001), até então chamada Assudete, surgida na década de 1980 por produtores agroecológicos de Porto Alegre (BASTIAN, 2010). Além dos produtores rurais de Porto Alegre, a Arcoóris possuía sócios de outros municípios do estado, como Viamão, Terra de Areia, Maratá, Nova Santa Rita, Alvorada, Montenegro, Itati, Cândido Godoi, Ipê, Gravataí e Novo Hamburgo. Não apenas a

Cooperativa Arcoóiris fazia parte da 2ª quadra da Avenida José Bonifácio, no bairro Bom Fim, mas também outras organizações de produtores ecologistas (SCHULTZ, 2001; BASTIAN, 2010).

Até o ano de 2003, os produtores comercializavam produtos orgânicos, mas não existia regramento técnico para a produção orgânica. As certificações eram baseadas na confiança, credibilidade e solidariedade entre os membros. Todas tinham como objetivo as melhores práticas produtivas, focada no meio ambiente e nos seres humanos (SCHULTZ, 2001). Em resumo, neste período, cada Cooperativa ou Associação definia suas práticas agroecológicas e as formas de controle.

Em 2003, a Lei Federal nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003, regulamentada em 27 de dezembro de 2007 – que “dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências” (BRASIL, 2003), normatizou os produtos e a produção orgânica. A partir deste momento os agricultores começaram a se adaptar às novas normativas. Muitos produziam de forma orgânica, mas não possuíam certificações. No ano de 2015, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) obrigou a Divisão de Fomento Agropecuário (DFA), que todos os feirantes que vendem seus produtos nessas feiras cumprissem essa lei (RODRIGUES, 2019), caso contrário, mudaria a denominação das feiras, passando a chamar-se de feiras mistas, ao invés de Ecológicas, Orgânicas ou Agroecológicas. Com esse novo regramento, os feirantes da Cooperativa Arcoóiris passaram a ser certificados pela própria cooperativa, como Organismo de Controle Social (OCS), outros buscaram outras certificadoras, como as de auditoria ou OPAC’S - Organismo Participativo da Avaliação da Conformidade Orgânica. Os feirantes que não estavam adequados na data limite para apresentar a Certificação de Conformidade Orgânica, foram retirados da feira, sendo que alguns retornaram após conseguir a certificação (informação verbal).²

Entre o final de 2016 e início de 2017, a Cooperativa Arcoóiris foi extinta. Isso aconteceu em decorrência de problemas de ordem financeira e de questões logísticas. Todos os associados estavam arcando com o pagamento das multas, tornando inviável a manutenção da cooperativa. Neste período a Arcoóiris certificava via OCS, mas como a maioria dos feirantes já eram certificados ou estavam em processos de certificação, via OPAC ou auditoria, a extinção ocorreu com a concordância dos cooperativados (informação verbal).²

² Comunicação verbal, informante 1 da feira.

Na figura 1, podemos visualizar na área demarcada, a localização da FEBF, junto à segunda quadra da Avenida José Bonifácio. Podemos identificar, mais acima, a Avenida Osvaldo Aranha e ao Oeste, uma pequena parte do Parque Farroupilha, ou Parque da Redenção, como é mais conhecido. A Avenida José Bonifácio é uma via de mão dupla e conta com duas vias distintas, com um canteiro central. Atualmente, são utilizados o canteiro central e a via que faz o sentido Osvaldo Aranha/Bento Gonçalves, para colocação das bancas dos feirantes da FEBF e dos feirantes da Feira dos Agricultores Ecologistas (FAE), estes últimos, na primeira quadra da avenida³.

Figura 1: Localização da Feira de Ecológica do Bom Fim (FEBF), na segunda quadra da Rua José Bonifácio, Porto Alegre, RS.



Fonte: Elaborado pela autora a partir do Google Earth (2022).

6.1.1 A Feira Ecológica e a Pandemia

As feiras agroecológicas tiveram o seu funcionamento alterado com a chegada da COVID-19 em março de 2020, assim como no mundo todo. As dinâmicas sociais e comerciais modificaram, quando em dezembro de 2019, foi identificada uma nova cepa da família Coronavírus. Esta nova cepa, que infecta seres humanos e é extremamente contagiosa, foi chamada de COVID-19 (SARS-CoV-2) e causa síndrome respiratória aguda grave (SARA), entre outras patologias, podendo levar a morte. É uma doença altamente infecciosa, transmitida pelo ar, na forma de gotículas ou aerossóis, e também pelo contato direto com objetos que estejam contaminados, se estes forem levados à boca ou aos olhos. A doença iniciou na China, tendo se espalhado rapidamente para outros países e por esse motivo, em março de 2020 a

³ Para localização mais exata, XQ6P+PJ Farroupilha, Porto Alegre – RS, coordenadas geográficas - 30.037760057197655, -51.21333515396935).

Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a COVID-19 uma pandemia (OPAS, 2019). Essa emergência epidemiológica, trouxe com ela, além de uma crise de saúde pública, uma crise econômica mundial, onde o mundo teve que se adequar e se adaptar ao novo cenário instalado. Em março de 2020, a COVID-19 chega a Porto Alegre, e como era esperado, foram implantadas medidas preventivas, como por exemplo, o distanciamento social, o uso de máscaras e medidas econômicas, como o fechamento do comércio não essencial. A partir desse momento as relações interpessoais foram seriamente afetadas.

Com as mudanças nas dinâmicas comerciais no estado do Rio Grande do Sul, e consequentemente em Porto Alegre, a chegada da COVID-19 afetou diretamente às feiras agroecológicas da capital, e os agricultores/feirantes, uma vez que, as formas de atuação tiveram que ser modificadas para evitar aglomerações. Em um primeiro momento, as feiras agroecológicas correram o risco de fechar totalmente, devido as medidas de Bloqueio Epidemiológico impostas na cidade de Porto Alegre e no estado do Rio Grande do Sul. O decreto municipal nº 20.505 de 17/03/2020 (PORTO ALEGRE, 2020), garantiu o funcionamento das feiras de hortifrutigranjeiros, desde que observado o distanciamento entre as bancas, mas restringiu o acesso de agricultores de outros municípios, causando preocupação dos feirantes e agricultores, pois as feiras são, muitas vezes, a principal fonte de renda dessas famílias. Gradualmente foram surgindo novos decretos, que permitiram a participação de todos os agricultores, desde que não pertencessem aos grupos de risco. Novas configurações foram necessárias, inclusive impactando a venda de alguns produtos, e planos de contingenciamento foram criados a fim de garantir o funcionamento das feiras, a segurança e saúde dos agricultores e consumidores.

Para manter seu funcionamento a FEBF teve que adotar uma série de medidas para manter a segurança de produtores e consumidores. Entre as medidas adotadas para atender as novas regras e garantir a segurança de feirantes e consumidores, o espaçamento entre as bancas foi o mais emblemático, onde as bancas adotaram distanciamento entre elas, ocupando de um lado, a calçada, e do outro lado, os feirantes começaram a utilizar uma das vias da rua José Bonifácio. O espaçamento foi tão bem aceito, que atualmente houve mudança na configuração das bancas, e em acordo com a prefeitura, a feira seguirá utilizando uma das vias para melhor fluxo de pessoas. Depois de muitos anos de funcionamento, a configuração da FEBF foi transformada.

Outras medidas implantadas durante a pandemia a FEBF, definidas entre o grupo de contingenciamento de danos do Coronavírus e a Prefeitura de Porto Alegre, além do espaçamento entre bancas, foram o uso de máscaras, uso de álcool gel pelos feirantes e

disponibilização para os consumidores, reorganização do *layout* para melhorar a circulação entre as pessoas, controle de fluxo de pessoas dentro do espaço da feira, presença de monitores para organizar e fiscalizar o cumprimento das medidas, entre outras ações.

As feiras agroecológicas de Porto Alegre seguiram funcionando durante todo o período da Pandemia, inclusive durante o período de pico, diferentemente, por exemplo, da feira agroecológica de Marabá, no Pará, que teve sua suspensão decidida pelos próprios agricultores, pois temiam a contaminação e entendiam ser difícil o atendimento de medidas sanitárias, como o distanciamento entre pessoas e bancas, considerando não ser possível a compra dos materiais de higiene (CLAUDINO, 2020).

Como o fluxo de consumidores diminuiu durante a pandemia, muitos dos feirantes e agricultores diversificaram suas formas de comercialização. Segundo Claudino (2020), os agricultores que diversificaram seus canais de comercialização e possuíam produções que não necessitavam de comercialização e colheita imediata, superaram melhor o período. As vendas de produtos via internet, por meio de aplicativos, fortaleceram novos canais de comercialização que devem ter segmento pós-pandemia, como o caso das vendas de cestas, que além da praticidade, garantem ao consumidor produtos de qualidade na porta de suas casas.

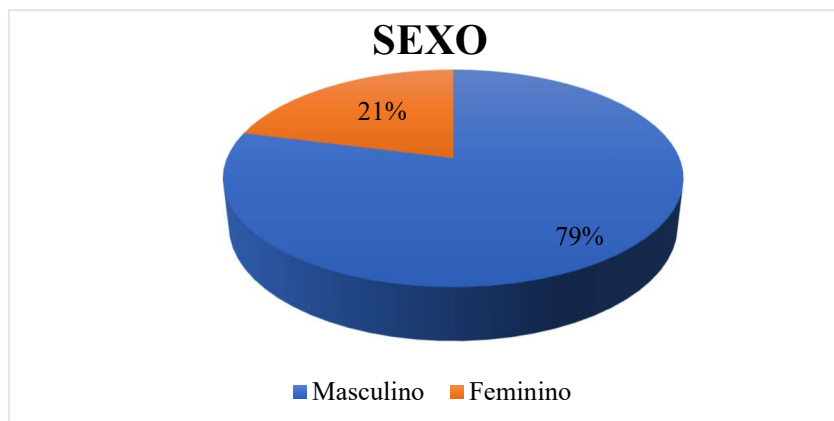
6.2 RESULTADOS DA ENTREVISTA ESTRUTURADA

6.2.1 Caracterização dos Feirantes da Feira Ecológica do Bom Fim

Durante o desenvolvimento da entrevista, em que, na maioria das bancas se faziam presentes homens e mulheres, quem concedeu a entrevista foram os homens. Apesar dos homens serem a maioria na agricultura convencional ou agroecológica, a mulher tem, aos poucos, mostrado sua presença. Dos 48 feirantes, 10 (21%) pertence ao sexo feminino (gráfico 1). Em estudo de Araújo (2016), onde o autor traçou um perfil de produtores agroecológicos que atuam em uma feira agroecológica no município de Bananeiras na Paraíba, os dados encontrados foram os seguintes: 67% homens e 33 % mulheres que atuavam na feira.

Segundo Karan (2004), a mulher que participa da agricultura orgânica desempenha papel fundamental no processo, sendo percursora de diversas atividades, colocando em prática conhecimentos passados a gerações, testando formas de cultivo e preparo do solo, introduzindo sementes nas hortas domésticas, assim como, garantindo a sociabilidade no mundo rural.

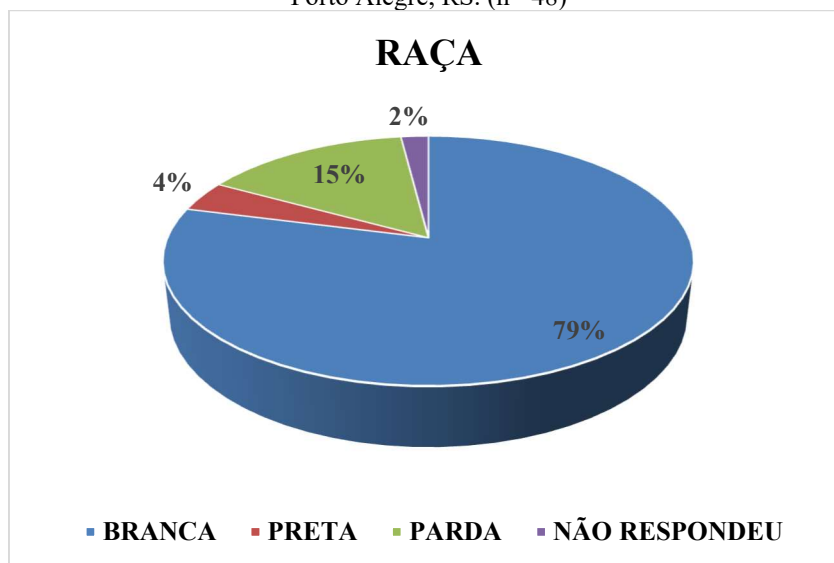
Gráfico 1: Distribuição quanto o sexo, entre feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS (n=48).



Fonte: elaborado pela autora, (2022).

Quanto à identificação étnico-racial dos entrevistados (Gráfico 2), 79% se declararam brancos, 15% pardos, 4% negros e 2% não responderam. Não foram encontrados feirantes indígenas comercializando produtos orgânicos na feira. Os dados encontrados na entrevista não destoam dos dados encontrados na Síntese de Indicadores Sociais do IBGE (2008), sobre a distribuição da população do Rio Grande do Sul segundo a raça, brancos (82,3%), negros (5,9%), pardos (11,4%). Isso, em parte, se relaciona ao alto índice de imigrantes europeus recebidos no Rio Grande do Sul, principalmente no século XIX.

Gráfico 2: Distribuição quanto a identificação étnico-racial, entre feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS. (n= 48)

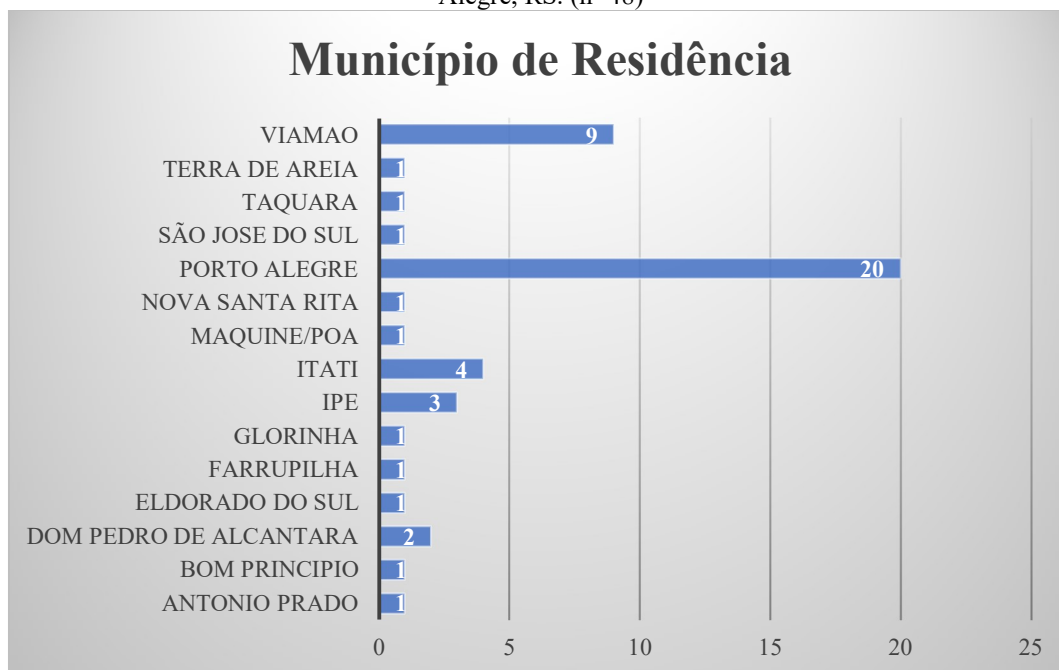


Fonte: elaborado pela autora, (2022).

Em relação ao município de residência dos feirantes, em sua maioria, os feirantes são oriundos de Porto Alegre e Região Metropolitana (34), litoral (7) e serra (6) e um dos feirantes

relata alternar-se entre Porto Alegre, local de residência e da agroindústria e o município de Maquiné, onde possui a propriedade rural. No gráfico 3, podemos visualizar os municípios de origem desses feirantes. Além de Porto Alegre, local da feira onde temos 20 feirantes, o município de Viamão, localizado na Região Metropolitana, é o que concentra o maior número de feirantes, em um total de nove. É um número significativo, uma vez que Viamão é o município que concentra o maior número de produtores orgânicos do Rio Grande do Sul, com 269 produtores (MAPA, 2022) e é o maior produtor de arroz orgânico da América Latina, em decorrência do assentamento da reforma agrária Filhos de Sepé, onde produz cerca de 1600 hectares de arroz (MACHADO, 2019). Os municípios do estado com grande número de produtores orgânicos são, além de Viamão, Nova Santa Rita (177), Três Cachoeiras (174) e Ipê (161). Porto Alegre possui apenas 51 produtores orgânicos cadastrados no MAPA (2022), dado condizente com sua área rural que não é muito extensa. Ainda sobre Porto Alegre, a Lei Nº 12.328 de 03/11/17 (PORTO ALEGRE, 2017), instituiu e definiu como Zona Livre de Agrotóxicos a região definida como Zona Rural do Município de Porto Alegre, isso significa que as produções existentes nessa região devem, obrigatoriamente, ser livre de agrotóxicos e outros insumos químicos.

Gráfico 3: Distribuição dos municípios de residência dos feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS. (n=48)



Fonte: elaborado pela autora, (2022).

Na figura 2, podemos visualizar, além da localização geográfica de onde os feirantes residem, no estado do Rio Grande do Sul, o bioma onde estão inseridos. Os municípios mais

distantes de Porto Alegre são Dom Pedro de Alcântara, Itati e Ipê, respectivamente. Alguns feirantes deslocam-se 200 km para chegar à feira, no entanto a grande maioria dos feirantes reside próximo à feira, indicando que o fator proximidade do mercado consumidor é uma característica importante para a viabilidade de tais iniciativas. Igualmente o poder público, com legislações que favorecem a produção orgânica no município constitui-se em um dos fatores que fomenta a viabilização desta feira.

Figura 2: Mapa ilustrativo segundo a distribuição dos municípios de residência dos feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.



Fonte: Bases Geográficas: elaborado por Ana Paula Moreira da Silva (2022).

Para que se comercialize alimentos como orgânicos no Brasil, é necessário que os produtos passem por um dos três mecanismos de garantia da qualidade orgânica – certificação por auditoria, certificação participativa ou estar vinculada à uma Organização de Controle Social (OCS). A certificação de produtos orgânicos foi estabelecida pela Lei 10.831/2003 e regulamentada pelo Decreto 6.323/2007 (BRASIL, 2007, INSTITUTO NACIONAL DE TECNOLOGIA, 2017).

Quanto ao tipo de certificação dos Feirantes da Feira do Bom Fim, a predominância foi da certificação participativa, com 40 feirantes que possuem essa certificação. Dois agricultores possuem a certificação participativa e por auditoria, cinco feirantes apenas certificação por auditoria e um feirante possui OCS (gráfico 4).

O Sistema Participativo de Garantia (SPG) é m mecanismo de certificação baseado no Controle Social, decisões compartilhadas e Responsabilidade Solidária, onde os Organismos Participativos de Avaliação da Conformidade (OPAC) responsabilizam-se pelas atividades desenvolvidas no SPG (MAPA, 2020, p. 36).

As propriedades rurais e agroindústrias são anualmente avaliadas para a manutenção do certificado de Conformidade Orgânica. A certificação por auditoria consiste em certificação via certificadora credenciada que inspeciona os locais, por meio de inspeção ou auditoria, para avaliação dos processos e se eles estão sendo verificados (INSTITUTO NACIONAL DE TECNOLOGIA, 2017). Já os agricultores que vendem seus produtos por meio de uma OCS devem pertencer a agricultura familiar e a venda dos produtos é por meio de venda direta ao consumidor (MAPA, 2020).

Gráfico 4: Distribuição entre feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS, pelo tipo de certificação orgânica. (n=48)



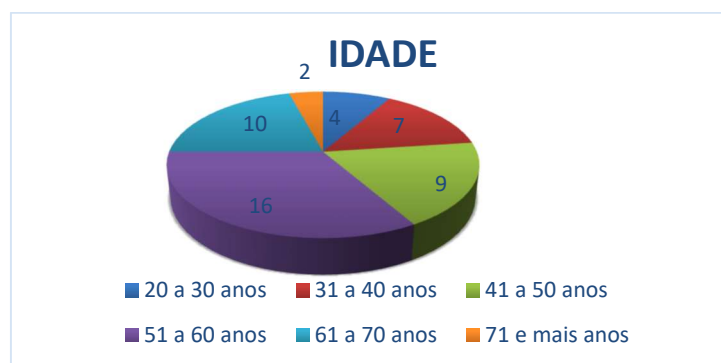
Fonte: elaborado pela autora, (2022).

O elevado número de feirantes com esta forma de certificação é um dado interessante, pois trata-se de um processo de certificação que demanda a participação em grupos organizados, assim como demanda do agricultor a mobilização coletiva em busca dessa certificação. Um dos fatores para a opção por esta modalidade de certificação, pode estar relacionada aos custos que uma certificação por auditoria demandaria. Também pode denotar a busca de autonomia por parte dos agricultores.

No gráfico 5, apresentamos a distribuição dos feirantes por idade. Nota-se que a faixa etária dos 51 aos 60 anos foi a que apresentou um maior número de feirantes (16), enquanto a faixa etária de 71 anos ou mais apresentou um menor número de feirantes (2), seguida da faixa etária mais jovem, 20 a 30 anos apresentando apenas quatro feirantes, sendo que a média de

idade foi de 50,9 anos. Em trabalhos de Pacheco-Porto (2021), com feirantes de uma feira livre em São Lourenço do Sul, e de Vasques (2008) com produtores orgânicos de Cajazeiras na Paraíba, apresentaram resultados similares com feirantes apresentando a idade média de 55,15 anos e 53,4 anos de idade, respectivamente. O fato de a faixa etária ser mais elevada, decorre do surgimento de novas oportunidades de emprego para os mais jovens e, estes por sua vez, não querem permanecer no campo. Essas oportunidades surgem principalmente na capital e Região Metropolitana, onde a maioria dos feirantes e suas famílias residem. Aponta também para um fenômeno generalizado no que concerne às atividades agrícolas, que é a preocupação com a sucessão, uma vez que os dados apontam para este envelhecimento. Outra realidade que deve ser considerado é em decorrência de a FEBF ser histórica, tendo 42% dos feirantes permanecendo na feira a mais de 16 anos, como poderá ser visto mais adiante no gráfico 8.

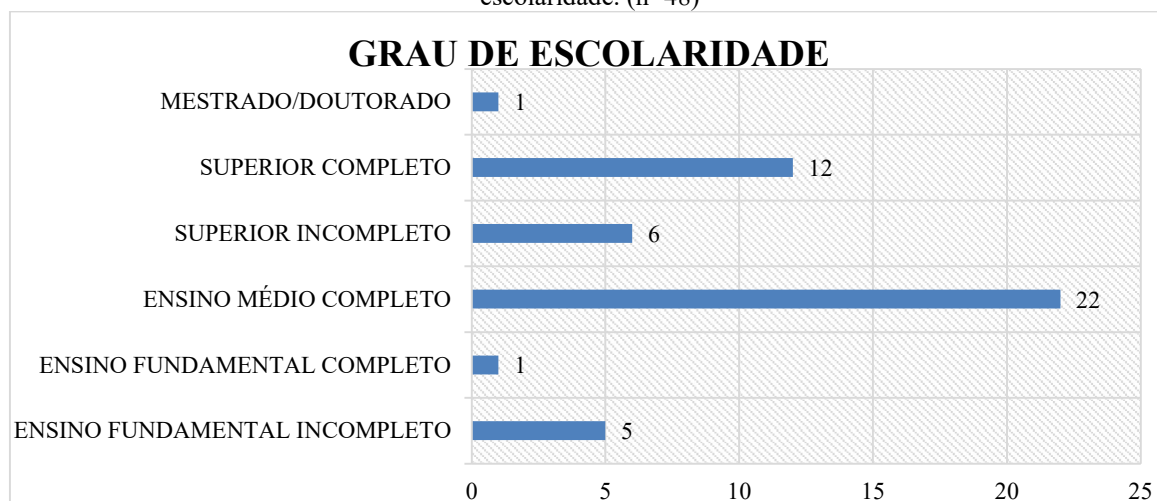
Gráfico 5 – Distribuição dos feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS, por faixa de idade. (n=48)



Fonte: elaborado pela autora, (2022).

O grau de escolaridade (gráfico 6) predominante foi o do Ensino Médio Completo, com 23 feirantes (48%) relatando possuir esse grau de instrução. Apenas seis feirantes apresentam Ensino Fundamental Completo ou Incompleto (12%). Já doze feirantes relatam possuírem o nível superior completo (25%), apenas um possui Mestrado e, atualmente, cursa o Doutorado e outros seis iniciaram a Graduação, mas ainda não a concluíram. Os dados de escolaridade da feira do Bom Fim destoam de outros trabalhos similares, em Vásquez (2008), 67% dos agricultores possuíam apenas o Nível Fundamental, 22% não eram alfabetizados e nenhum agricultor possuía Nível Superior. Em Araújo (2016), 50% estudaram apenas o Ensino Fundamental Incompleto e 50% correspondem aqueles sem nenhuma instrução. Os dados do IBGE também apontam para um baixo índice de escolaridade dos produtores rurais no Rio Grande do Sul, apenas 14% dos agricultores possuem Ensino Médio (incluindo todos os ensinos médios) e 6% o Nível Superior.

Gráfico 6 – Distribuição dos feirantes, da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS quanto ao grau de escolaridade. (n=48)



Fonte: elaborado pela autora, (2022).

Quanto ao tipo de banca (gráfico 7), se ela é individual ou coletiva, 34 feirantes referem que sua banca é individual (71%) e 13 que é coletiva (27%). Apenas um feirante não soube informar (2%). Mesmo sendo individuais, as bancas podem vender produtos de parceiros, desde que eles pertençam aos mesmos grupos de certificação e já possuam certificados de conformidade orgânica.

Gráfico 7 – Distribuição quanto ao tipo de banca, entre feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS. (n=48)

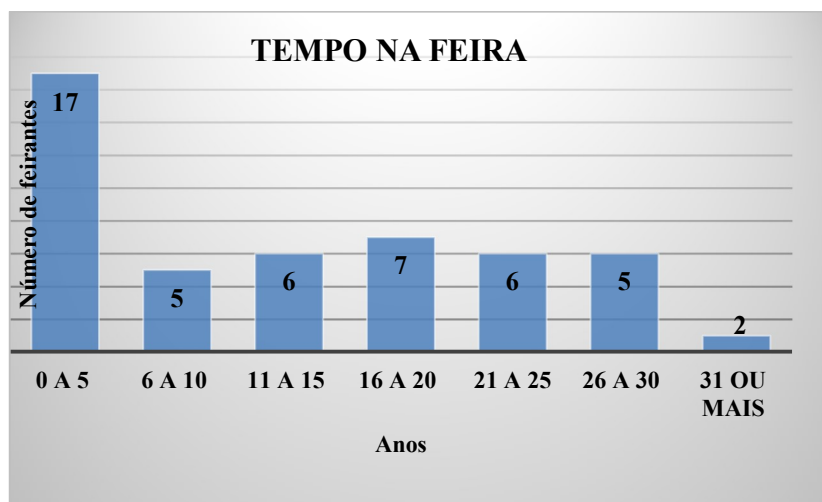


Fonte: elaborado pela autora, (2022).

Em relação ao tempo que atuam nesta feira (gráfico 8), as respostas foram diversificadas, sendo que os que estão de 0 a 5 anos somam a maioria dos feirantes (35%). Apesar desta feira ter mais de 30 anos, a feira tem se renovado, com apenas dois feirantes que atuam a mais de 31 anos (4%) e cinco que estão no espaço a mais de 26 anos (10%). No estudo de Barbosa (2011), sobre formação de Feira Livre em Demerval no Piauí, 53% dos feirantes fazem a mesma feira entre 11 e 20 anos e 27% entre 21 e 30 anos, este último dado é similar ao

da FEBF se levarmos em consideração o mesmo intervalo de tempo: 11 feirantes estão na feira entre 21 e 30 anos (22%).

Gráfico 8 – Distribuição quanto ao tempo na feira, entre feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS. (n=48)

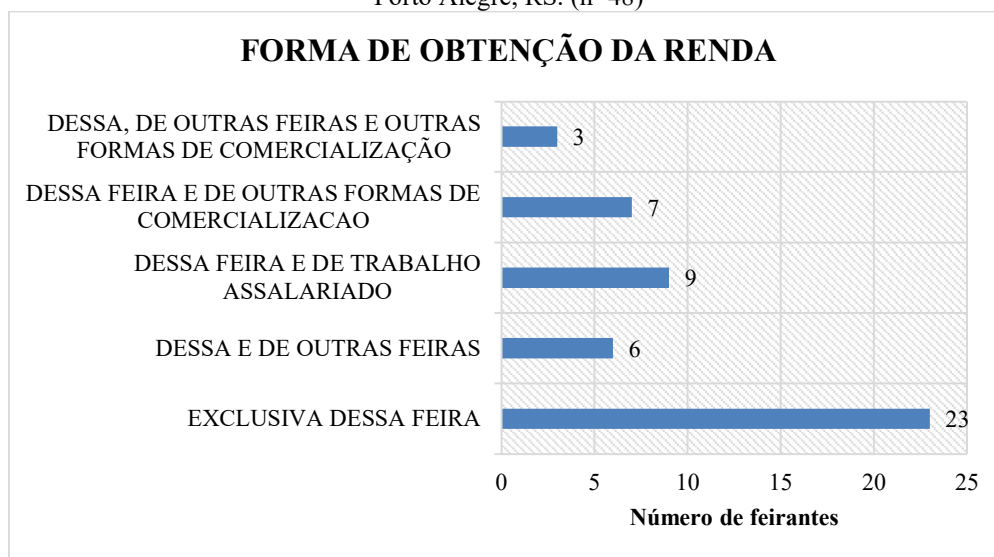


Fonte: elaborado pela autora, (2022).

Quando perguntado aos feirantes sobre qual a forma da obtenção de suas rendas (gráfico 9), a maioria respondeu que a renda é exclusiva desta feira (48%); outros 19% responderam dessa feira e de trabalho assalariado; 12% responderam que a renda é proveniente dessa feira e de outras feiras. A resposta dessa feira, de outras feiras e de outras formas de comercialização, somou-se 6%; e dessa feira e de outras formas de comercialização, 15% se enquadraram neste item. Entre as respostas que apareceram referente a outras formas de comercialização, os feirantes obtêm suas rendas de formas muito variadas como: trabalho na cooperativa, restaurante próprio, venda em comércio, venda em cestas e para revendedores.

O estudo de Vasquez (2008), com agricultores agroecológicos, apontou que 89% desse grupo não consegue sobreviver apenas com o comércio de agroecológicos, precisando recorrer a outras fontes e formas de trabalho. Já na FEBF 81% do grupo entrevistado, refere ter renda exclusiva dessa feira, de outras feiras agroecológicas ou de outras formas de comercialização, mas de qualquer forma, eles sobrevivem das suas produções agroecológicas. E desses que sobrevivem apenas da comercialização da produção agroecológica, 60% vendem apenas em feiras agroecológicas em Porto Alegre. O fato de as feiras acontecerem em uma capital, serem referência agroecológica no estado e com um grande fluxo de consumidores, propiciam aos feirantes a venda dos produtos de forma a não precisar recorrer a outras formas de obtenção de renda.

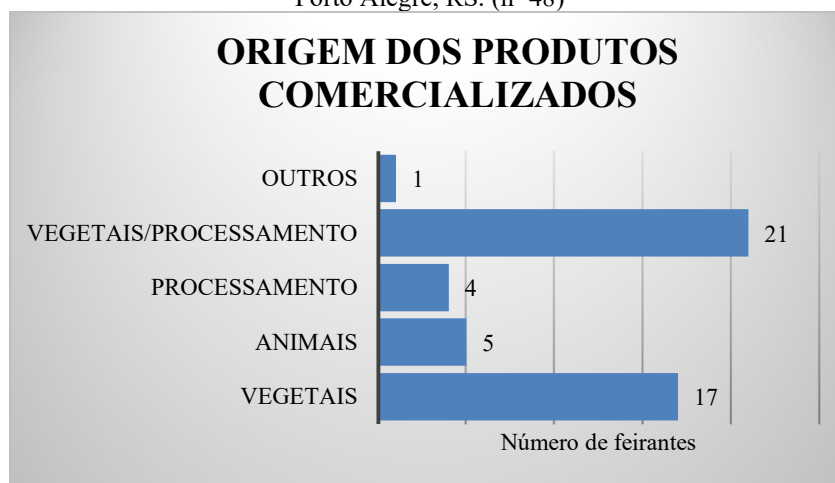
Gráfico 9: Distribuição quanto a forma de obtenção de renda entre feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS. (n=48)



Fonte: elaborado pela autora, (2022).

Em relação a natureza dos produtos comercializados apenas uma feirante fornece serviços, ela realiza massagens em uma das bancas da feira. A distribuição quanto a natureza dos produtos comercializados deu-se da seguinte forma: 44% vendem produtos de origem vegetal e processados; 33% comercializam apenas produtos de origem vegetal; 10% referem que seus produtos são de origem animal e outros 10% comercializam apenas produtos oriundos do processamento de alimentos. Esse dado é referente aos produtos comercializados na banca e não indica quem realiza o processamento, pois alguns feirantes comercializam produtos processados por parceiros.

Gráfico 10 – Distribuição quanto a origem dos produtos comercializados na Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS. (n=48)



Fonte: elaborado pela autora, (2022).

Quanto ao questionamento sobre quem produz os alimentos comercializados, 16 feirantes responderam que eles próprios produzem, 17 responderam que são suas famílias; dois que comercializam os produtos oriundos das cooperativas; três produzem seus próprios produtos, mas recebem produtos de parceiros para a venda; oito referem que as famílias produzem os produtos, mas também comercializam produtos de parceiros; e dois feirantes relataram que comercializam produtos apenas de parceiros, sem produção própria. Entre os produtos que são produzidos por parceiros, temos uma relação diversificada de alimentos, como demonstrado no quadro 1. Entende-se por parceiros aqueles que pertencem aos mesmos grupos de certificação agroecológica, cooperativas ou associações.

Quadro 1: Lista de produtos disponibilizados por produtores parceiros

LISTA DE ITENS COMERCIALIZADOS DE PRODUTORES PARCEIROS			
AÇAI	AÇÚCAR MASCAVO	AIPIM	AMEIXA
BANANA	BATATA DOCE	CAFÉ	ERVAS
FRUTAS CONGELADAS	GELEIAS	GRÃOS	HORTALIÇAS
KIWI	LARANJA DE UMBIGO	LEITE DE COCO	LIMÃO
LIMÃO TAITI	MASCAU	MAÇÃ	MELADO
MILHO	MORANGO	OLEO DE COCO	PIMENTÃO
PIMENTAS	POLPA DE TOMATE	RAPADURA	TEMPEROS
TOMATE	UVA	VINHO	

Fonte: elaborado pela autora, (2022).

6.2.2 Caracterização dos Agricultores da Feira Ecológica do Bom Fim

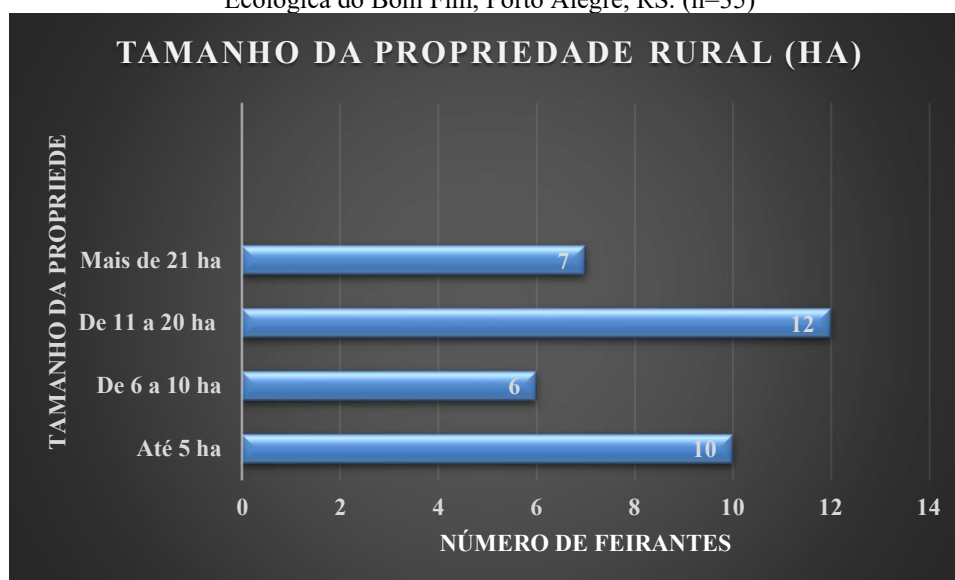
Descobriu-se no estudo que, 35 feirantes são agricultores, ou seja 73% dos feirantes entrevistados. Quanto ao tamanho da propriedade rural, dez agricultores (10%) produzem com 5 ha ou menos (gráfico 11). A média do tamanho das propriedades é de 12 ha. A maior propriedade agroecológica possui 40 ha e a menor possui apenas 1 ha. Foi questionado aos agricultores, qual o tamanho da área cultivada para a produção de agroecológicos e os resultados encontrados foram: a menor área plantada possui 1800 metros ou 0,18 ha e a maior área cultivada possui 20 ha. A média de área destinada ao plantio foi de 5 ha. Os resultados mostram que a produção de agroecológicos, dos feirantes que atuam na Feira do Bom Fim, predomina em pequenas propriedades rurais.

Nesse sentido, conforme estudo realizado por Storch (2004), com um grupo de produtores do Sul do estado do Rio Grande do Sul, encontrou 18,9 ha como o tamanho médio

das propriedades e uma área de 5,6 ha como destinada à produção agroecológica. No mesmo estudo, o autor, encontrou 21% das propriedades com menos de 10 ha, 58% tinham de 10 a 20 ha. No estudo da FEBF, os dados encontrados foram diferentes aos do autor em questão, sendo encontrado 46% de produtores com menos de 10 ha e 34% com área entre 11 e 20 ha. Nos dados do Censo Agropecuário IBGE (2006), 38% dos agricultores do Rio Grande do Sul possuíam menos de 10 ha e outros 25% possuíam de 10 a 20 ha.

Dos 35 agricultores, 29 residem em suas UPA's. A média de pessoas que residem em cada UPA é de quatro pessoas. Três agricultores residem sozinhos em suas propriedades, cinco propriedades residem duas pessoas e, em uma UPA, residem 14 pessoas, sendo a mais habitada encontrada na entrevista. Oltramari (2002) em estudo com produtores rurais de Santa Catarina encontrou a média de 3,88 residentes nas propriedades rurais daquele estado.

Gráfico 11: Distribuição quanto ao tamanho da propriedade rural entre agricultores feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS. (n=35)



Fonte: elaborado pela autora, (2022).

No que diz respeito a condição do produtor em relação à terra (Gráfico 12), dos 35 agricultores, 27 (77%) referem ser proprietários de suas UPA's, três (9%) são arrendatários, quatro (11%) referem que cultivam em áreas de parceiros e um (3%) não informou sua condição. Em IBGE (2017), no Rio Grande do Sul, 87% dos agricultores dizem serem donos de seus estabelecimentos rurais. Em trabalho realizado por Storch (2004), com um grupo de produtores agroecológicos do Sul do Estado do Rio Grande do Sul, os dados encontrados são similares aos encontrados o censo IBGE, com 86% dos produtores sendo proprietários ou filhos destes e apenas 14% são agregados ou arrendatários. Já em outros locais do país, como no

Ceará, apenas cerca de 53,36% dos estabelecimentos familiares possuem produtores na condição de proprietários (LIMA, 2018).

Gráfico 12 – Distribuição quanto a condição do produtor em relação à terra entre agricultores feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS. (n=35)



Fonte: elaborado pela autora, (2022).

A maioria dos agricultores entrevistados da FEBF já possuem uma longa caminhada na agricultura agroecológica (Gráfico 13), pois 22 deles (63%) já cultivam desta forma a mais de 21 anos, outros sete (20%) já produzem assim há mais de onze anos. Em seu estudo Storch (2004), encontrou apenas 57% de agricultores que produziam de forma agroecológica a mais de quatro anos, o restante possuía menos de quatro anos de cultivo. Esse dado mostra que tratam-se de agricultores que já tem um acúmulo em relação à prática agroecológica, sendo que alguns deles participam da feira desde sua instituição.

Gráfico 13 – Distribuição quanto ao tempo de cultivo no sistema agroecológico entre agricultores feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS. (n=35)



Fonte: elaborado pela autora, (2022)

Em nossa pesquisa, foi questionado aos agricultores se eles fazem uso de outras técnicas para o cultivo agroecológico, como sistema agroflorestal (SAF), permacultura, agricultura biodinâmica ou floresta sintrópica. Dentre os resultados, sete agricultores informam que utilizam apenas SAF, dois utilizam a permacultura, quatro utilizam a agricultura biodinâmica, um utiliza o SAF, permacultura e floresta sintrópica, um o SAF, permacultura e biodinâmico e outro realiza as técnicas e SAF e floresta sintrópica. Outros 19 agricultores não informaram se utilizam outras técnicas nos seus cultivos agroecológicos.

Quando questionados sobre o recebimento ou não de assistência técnica, 21 agricultores (60%) afirmam que recebem assistência técnica da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural). Os agricultores citaram outras empresas ou organizações que os auxiliam nas suas produções como Sebrae, Centro Ecológico de Ipê, cooperativa, Irga, Senar, veterinários e engenheiros agrônomos. A Emater é uma assistência técnica pública, gratuita aos agricultores que não podem ou tem dificuldades em pagar por esse serviço, assim como é direcionada a agricultura familiar, auxiliando no desenvolvimento rural local e regional, além de auxiliar os agricultores na elaboração e acompanhamento de projetos para financiamento público (IPEA, 2017). Nos resultados encontrados no Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006), 50% dos agricultores do estado do Rio Grande do Sul referiram não receber assistência técnica e apenas 22% relataram receber regularmente. Ainda, 28% referem receber alguma assistência técnica ocasionalmente.

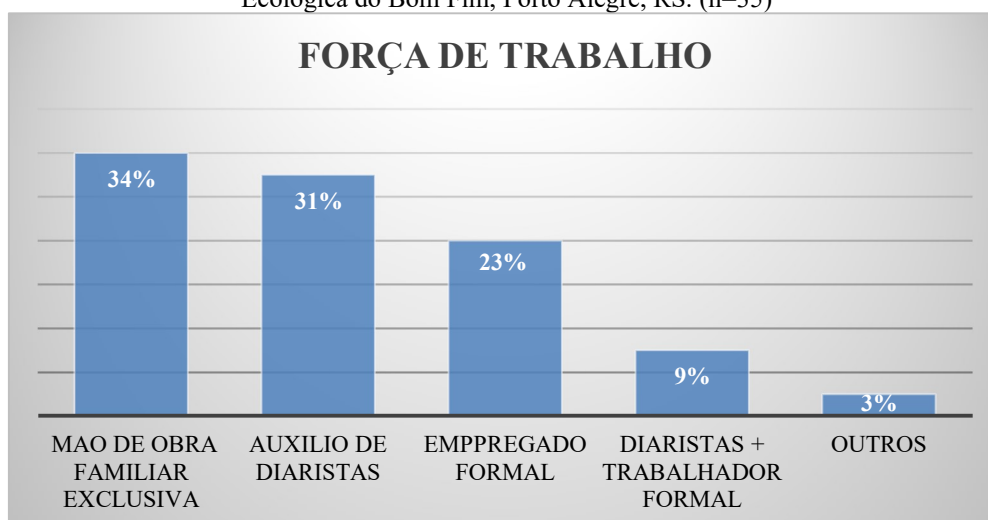
Referente ao recebimento de financiamento público, 17 agricultores referem receber o benefício, enquanto 18 referem não receber. O financiamento público que os agricultores familiares recebem é o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), que é um programa de crédito direcionado a agricultura familiar, sendo o primeiro programa criado a esse perfil de agricultores. De acordo com IPEA (2017), esse público era excluído, anteriormente, das políticas públicas existentes e tinha o objetivo de fornecer crédito agrícola aos pequenos agricultores das áreas rurais. Para enquadrar-se como agricultor familiar e receber o Pronaf, os agricultores necessitam possuir DAP (Declaração de Aptidão ao Pronaf), atendendo, segundo o MAPA (2022) a alguns critérios como: residir no estabelecimento ou em local próximo; não possuir área superior a 4 (quatro) módulos fiscais; no mínimo, 50% da renda bruta familiar seja originada da exploração agropecuária e não agropecuária do estabelecimento; trabalho familiar predominante na exploração do estabelecimento; renda bruta familiar, nos últimos 12 (doze) meses de até R\$500.000,00 (quinhentos mil reais). Em Oltramari (2002), a maioria dos agricultores orgânicos de Santa Catarina, 92,20% não recebem

financiamento para suas produções. Apenas 9,49% recebem algum tipo de ajuda financeira para seus cultivares. Dos que recebem financiamento, 40% informou que é via Pronaf.

Em nossa pesquisa verificamos que 17% dos agricultores não utilizam nenhum tipo de maquinários agrícolas. Já o número de 83% dos agricultores referiu utilizar maquinários e implementos agrícolas do mais variados que auxiliam nos seus cultivos. No estudo de Lima (2018), onde busca traçar o perfil de agricultores no estado do Ceará, encontrou dados discordantes em relação aos agricultores da FEBF. O autor aponta que apenas 9,03% dos estabelecimentos familiares possuem algum implemento agrícola.

Quanto a força de trabalho (gráfico 14) utilizada para a produção dos cultivares, 34% dos agricultores utilizam mão-de-obra, exclusivamente, familiar, 31% contam com o auxílio de diaristas e 23% possuem empregado formal. Já 9%, além de contarem com o trabalhador formal, também contam com o auxílio de diaristas. E apenas 1 agricultor (3%) conta com a ajuda de produtores parceiros. Os resultados no estudo de Storch (2004), com produtores agroecológicos do Sul do estado do Rio Grande do Sul, mostram que os agricultores que utilizavam mão-de-obra exclusivamente familiar eram de 64%, sendo o dobro encontrado nos agricultores da FEBF. Nesse estudo 29% contratavam diaristas e 7% faziam troca de serviços. Um dos fatores que levam aos feirantes da FEBF a utilizarem mais o auxílio de diaristas e o emprego de trabalhadores formais é o fato de localização privilegiada, pois como a maioria possui suas propriedades rurais e reside na Região Metropolitana de Porto Alegre (63%), o acesso dos demais membros da família a outras oportunidades de empregos, faz com que a família tenha que utilizar outras fontes de força de trabalho externas.

Gráfico 14 – Distribuição quanto ao tipo de força de trabalho utilizada entre agricultores feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS. (n=35)



Fonte: elaborado pela autora, (2022).

Foi questionado aos agricultores se utilizavam irrigação nos seus cultivos. 80% dos agricultores informaram que utilizam, 14% não utilizam e 6% não informaram. E quanto a fonte de irrigação, a maioria dos agricultores utiliza açudes como fonte de captação de água (17 agricultores); a utilização de arroios ou rios foi relatada por cinco pessoas; cinco agricultores também relatam fazer uso de água procedente da captação de água das chuvas; três agricultores relataram utilizar água de vertentes; quatro utilizam água de poço artesiano; três não informaram a fonte de água para irrigação. Desses agricultores que relataram a fonte de água para irrigação, sete utilizam mais de uma fonte das descritas acima.

Quando questionados se a produção era destinada apenas a comercialização 46% informaram que os fins de sua produção eram comerciais, 43% informaram que seus cultivos não eram todos destinados a comercialização e 11% não informaram.

Foi questionado aos agricultores sobre suas produções agroecológicas. No quadro 2, elencamos as hortaliças, legumes, tubérculos e outros vegetais que podem ser encontrados na FEBF:

Quadro 2: Hortaliças, legumes, raízes, tubérculos e outros vegetais comercializados na Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.

HORTALIÇAS, LEGUMES, RAÍZES, TUBÉRCULOS E OUTROS VEGETAIS			
ABOBORA	ABOBRINHA	AÇAFRÃO	AIPIM
ALFACE	ALHO PORÓ	BATATA DOCE	BATATA INGLESA
BERINJELA	BETERRABA	BROCÓLIS	CEBOLA
CENOURA	CHÁS	CHICÓRIA	CHUCHU
COGUMELOS DE DIVERSAS VARIEDADES	COUVE	COUVE-FLOR	COUVE RÁBANO
ERVA-DOCE	ERVA MATE	ERVILHA	ESPINAFRE
FEIJÃO	GENGIBRE	HIBISCO	INHAME
MANDIOQUINHA	MANJERICAO	MILHO	MORANGA
NABO	PIMENTA	PIMENTÃO BABY	PIMENTÃO
PINHÃO	RABANETE	RADICCHI	REPOLHO
RÚCULA	QUIABO	TEMPEROS VERDES	TEMPEROS
TOMATE	VAGEM		

Fonte: elaborado pela autora, (2022).

No quadro 3, podemos visualizar as frutíferas que podemos encontrar na FEBF. As frutas e vegetais disponibilizados na feira são encontrados de acordo com a sazonalidade regional.

Quadro 3: Frutas comercializadas na Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.

FRUTAS			
ABACATE	ABACAXI	ACEROLA	AMEIXA
AMORA	BANANAS	BERGAMOTAS	BUTIA
CAQUI	CARAMBOLA	FRAMBOESA	FRUTAS NATIVAS
FRUTAS PANC'S	GOIABAS	LARANJAS	LIMÃO
LIMA	MAMÃO	MARACUJA	MELANCIA
MELÃO	MORANGO	NOZES	PERA
PÊRA	PHISALIS	PITAIA	UVA

Fonte: elaborado pela autora, (2022).

Além desses alimentos citados nos quadros acima, ainda são comercializadas mudas de hortaliças e diversas flores, entre elas, flores comestíveis, como a capuchinha, e flores decorativas. Entre os produtos de origem animal, são comercializados o mel e seus derivados, ovos e laticínios como queijo e iogurte, que também aparecerão mais adiante neste estudo, pois são produtos processados, assim como o arroz e outros vegetais, que são minimamente processados.

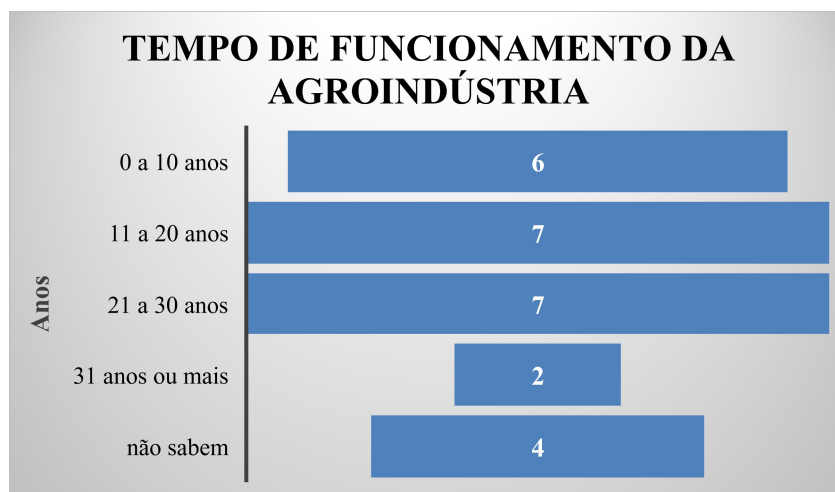
6.2.3 Caracterização dos Feirantes da FEBF que possuem Agroindústria

Nos anos entre 2003 e 2006, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), criou um programa para a Agroindustrialização da Produção dos Agricultores Familiares, chamado Sabor de Brasil. Segundo a Embrapa (2004), o programa tinha como seu principal objetivo aumentar as oportunidades no meio rural, agregar valor aos produtos, geração de renda a partir da agroindustrialização dos produtos e dos produtores da agricultura familiar. Além de diversificar a oferta de produtos agroecológicos ao mercado, a agroindustrialização dos produtos dos agricultores agroecológicos da FEBF, auxiliam na diminuição de perdas nas lavouras, devido ao limite de comercialização ou safras elevadas, auxilia no escoamento das mercadorias, além de diversificar a oferta de produtos diversificados ao mercado.

Dos 48 feirantes entrevistados, 26 vendem produtos processados por eles mesmos. O tempo de funcionamento das agroindústrias é variado, sendo que a maioria dos produtos processados vendidos na feira, são de agroindústrias com *know how*, pois já funcionam a mais de 11 anos. Conforme podemos analisar no gráfico 15, apenas seis agroindústrias (23%) tem menos de 10 anos de atividades e quatro (15%) não souberam informar. O restante, 16 agroindústrias (62%) já existem a mais de 11 anos. Desses 26 feirantes, 20 são proprietários das

agroindústrias, três utilizam a propriedade de outros e três processam seus produtos em agroindústrias comunitárias privadas, tendo como exemplo, as agroindústrias de cooperativas ou de sindicatos. Nenhum produtor respondeu que realiza o processamento de produtos em agroindústrias públicas ou comunitárias públicas.

Gráfico 15 – Distribuição quanto ao tempo de funcionamento da agroindústria entre feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS. (n=26)



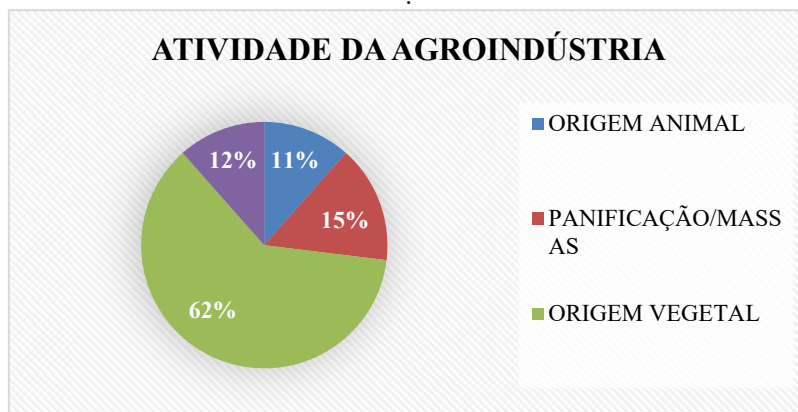
Fonte: elaborado pela autora, (2022).

Quanto ao tipo de atividade desenvolvida na agroindústria (gráfico 16), a maioria dos feirantes trabalham com produtos de origem vegetal (63%), 15% trabalham com panificação/massas, 12% conjuntamente trabalham com produtos de origem vegetal e panificação/massas, 11% são os que desenvolvem atividades com produtos de origem animal.

Ao serem questionados da origem da água que utilizam, 16 feirantes informam utilizar água pública nas atividades da agroindústria, três fazem uso da água de poço artesiano, dois intercalam o uso de poço artesiano e água do sistema público, dois utilizam de sistema coletivo próprio e dois utilizam água de outras fontes.

Em relação ao tratamento de efluentes, a maioria dos feirantes que processam os produtos não sabem ou não informaram como eles são tratados (38%), já 27% informaram que os efluentes oriundos das agroindústrias não são tratados e apenas 35% tratam os efluentes.

Gráfico 16 – Distribuição quanto ao tipo de atividade exercida na agroindústria, entre agricultores feirantes da Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.



Fonte: elaborado pela autora, (2022).

Quanto a mão-de-obra utilizada na agroindústria, 14 feirantes relataram que utilizam apenas a mão-de-obra familiar. Quatro feirantes fazem uso apenas de sua própria mão-de-obra, sem nenhum tipo de auxílio, dois feirantes responderam que a família conta com a ajuda de colaboradores/diaristas, quatro feirantes têm auxílio de colaboradores, um dos feirantes informou que os cooperativados são os responsáveis pelo processamento dos produtos e um informou outro tipo de mão-de-obra, porém não informou qual seria.

Quando questionados sobre os produtos que são de produção própria e comercializados pelos feirantes na FEBF, os resultados mostraram uma diversidade de produtos orgânicos minimamente processados ou processados que os consumidores podem encontrar na feira. No quadro 4, podemos evidenciar quais são os produtos. Cita-se que muitos deles podem ser encontrados em mais de uma banca e com diversidade de sabores e tipos, como no caso das geleias, frutas congeladas, pães, temperos, pastas e molhos. Outros produtos que podemos encontrar em mais de uma banca são os ovos, mel, castanhas, bolos e arroz.

Quadro 4: Produtos processados pelos feirantes e comercializados na Feira de Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, RS.

PRODUTOS PROCESSADOS PELOS FEIRANTES DA FEBF			
AIPIM CONGELADO	ARROZ	BISCOITOS	BOLOS
BROWNIE	BURGES	CASTANHAS	CHÁS
CHIPS	COMPOTAS	CONSERVAS	CREMES
CUCAS	DOCE DE LEITE	DOCES	ERVA MATE
EXTRATO DE TOMATE	EXTRATO (MEL)	GELEIA	IOGURTE
FRUTAS CONGELADAS	MASSAS	MEL	MELATO
LEITES VEGETAIS	MORANGA DESCASCADA	NOZES	OVOS
MOLHO DE TOMATE	PAES	PASTAS	PASTEIS

PÃO DE QUEIJO VEGAN	PESTOS	PIZZA	PROPÓLIS
POLPAS DE FRUTAS	QUEIJO	SALGADOS	SOPAS
SAL TEMPERADO	SUCOS	TEMPEROS	VINHO
SALSICHAS VEGANAS	WAFFLE SEM GLUTEM E SEM LACTOSE		

Fonte: elaborado pela autora, (2022).

De acordo com o Guia Alimentar para a População Brasileira, os alimentos podem ser divididos nas seguintes categorias: *in natura*, minimamente processados, processados ou ultra processados (BRASIL, 2014). Nas atividades agroindustriais da FEBF, trabalha-se com produtos minimamente processados e processados.

Os alimentos *in natura* são alimentos que não sofreram alterações desde que saíram da natureza. Limita-se a algumas variedades alimentares como frutas, legumes, verduras, raízes, tubérculos e ovos. E, ainda assim, é comum que mesmo esses alimentos sofram alguma alteração antes de serem adquiridos, como limpeza, remoção de partes não comestíveis e refrigeração (BRASIL, 2014). Exemplos de produtos *in natura* são frutas, verduras, legumes, tubérculos, nas suas formas originais.

Os alimentos que sofreram algum tipo de alteração durante o processo até a mesa do consumidor são chamados de minimamente processados. “Pode ser desde processos de limpeza, retirada de partes não comestíveis, secagem, moagem, fracionamento, fermentação, pasteurização, refrigeração, congelamento e processos similares” (BRASIL, 2014, p. 29). Nota-se que neste processo não há adição de nenhum ingrediente que altere a composição do alimento original, como sal, açúcar, óleos, gorduras etc. (BRASIL, 2014). Exemplos de alimentos minimamente processados que são vendidos na FEBF são as frutas congeladas, aipim descascado e congelado e arroz. Os produtos processados que encontramos na feira são as geleias e pastas, por exemplo.

Os alimentos que não são encontrados na feira são os ultra processados. Esses alimentos são conhecidos por ter adição de produtos sintéticos e corantes, assim como gorduras saturadas, sal e açúcar em excesso. São considerados vilões pelas sociedades médicas, pois podem causar diversos problemas de saúde, a médio e longo prazos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do perfil dos produtores da Feira Ecológica do Bom Fim permitiu-nos fazer algumas considerações: A maioria dos agricultores que comercializam na feira, produzem em pequenas propriedades rurais que pertencem a eles. A maioria utiliza algum tipo de fonte de

água para a irrigação de seus cultivos. A maior parte dos agricultores, que trabalham com a agroecologia, já fazem isso a mais de 11 anos.

O grau de instrução dos feirantes é mais elevado que outros estudos similares, com vários feirantes possuindo grau de instrução superior, sendo que a maioria possui ensino médio completo. A variedade produtiva de produtos de origem vegetal é grande e variada, podendo-se encontrar toda a gama de verduras, legumes, frutas de acordo com a sazonalidade, assim como produtos minimamente processados e processados.

A maior parte dos feirantes possui a certificação participativa de conformidade orgânica, significando que os feirantes não estão apenas preocupados em ter o certificado, mas sim preocupados com os meios de produção e com o meio ambiente, assim como entendem que seu papel está na corresponsabilidade destes processos de trocas, promoção e construção das relações sociais.

Grande parte dos feirantes possui renda oriunda da área de produção orgânica, seja ela a agricultura ou processamento. Apenas 19% dos entrevistados referem ter renda externa, de trabalho assalariado. Significando que mercados de comercialização organizados, em locais acessíveis aos usuários, com apoio do poder público e com qualidade e diversidade de produtos comercializados, garantem a geração de renda e remuneração mais justa. O valor adquirido nestas vendas reverte-se em desenvolvimento regional e local, uma vez que ele seja reinserido nas comunidades.

A agroecologia é uma forma de se dizer “não” aos atuais modelos hegemônicos que se consolidaram no mercado alimentício global. É a forma que os camponeses, agricultores familiares, pequenos agricultores, não importa a designação, tem para manter suas raízes, o seu respeito a mãe-terra, assim como com todos os seres que coabitam neste ambiente. As redes locais, e no caso deste trabalho, as feiras agroecológicas, são de fundamental importância para a resistência aos modelos agroalimentares globais, que tentam cada vez mais ter a hegemonia do mercado de alimentos.

REFERÊNCIAS

AGROPECUÁRIO, IBGE. CENSO. **Censo Agropecuário 2006**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9827-censo-agropecuario.html?edicao=9830&t=resultados>. Acesso em 01 de jun. 2022.

ARAÚJO, F.; SANTOS, W. F.; DANTAS, J. O.; MAGALHÃES, W. B.; COSTA, R. P. **DIAGNÓSTICO E PERFIL DOS PRODUTORES RURAIS DA FEIRA AGROECOLÓGICA DO MUNICÍPIO DE BANANEIRAS–PB**. Disponível em: <https://cointer-pdvagro.com.br/wp-content/uploads/2016/12/DIAGN%C3%93STICO-E-PERFIL-DOS-PRODUTORES-RURAIS-DA-FEIRA.pdf>. Acesso em 10 de jun. 2022.

BARBOSA, A. M. F.; FILHO, J. A. S; SOUZA, R. M. Dinâmica espacial e a formação da feira livre em Demerval Lobão-Piauí-Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, p. 1-15, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277812174_DINAMICA_ESPACIAL_E_A_FORMACAO_DA_FEIRA_LIVRE_EM_DEMERVAL_LOBAO-PIAUI-BRASIL/link/59161c84a6fdcc963e83c963/download. Acesso em: 09 de jun. 2022.

BRASIL FOOD TRENDS. **Pesquisa Nacional Fiesp/IBOPE sobre o Perfil do Consumo de Alimentos no Brasil**. Fiesp/IBOPE 2020. Disponível em: https://ciorganicos.com.br/wp-content/uploads/2016/10/EST_PESQFoodTrendsI.pdf. Acesso em: 26 jun. 2016.

BRASIL. **Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos**. Mapa. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/organicos/cadastro-nacional-produtores-organicos>. Acesso em 5 jun. 2022.

BRASIL. 2004. **Programa de agroindustrialização da agricultura familiar**. Recomendações básicas para a aplicação das boas práticas agropecuárias e de fabricação na agroindústria familiar. Brasília, 2006. Disponível em: <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/agroindustrializa%e7%e3oID-aUQssotRHC.pdf#:~:text=O%20Programa%20de%20Agroindustrializa%C3%A7%C3%A3>. Acesso em 01 de jun. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Sistemas Participativos de Garantia (SPG) para produção e comercialização de produtos orgânicos**. Guia prático. Brasília: Mapa/ACS, 2008. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/agricultura-familiar/publicacoes/projeto-mercados-verdes-e-consumo-sustentavel/guias/guia-spg-para-producao-e-comercializacao-de-produtos-organicos>. Acesso em 07 de jun. 2022.

BRASIL. **Instituto Nacional de Tecnologia. Guia Certificação Orgânica** / Instituto Nacional de Tecnologia. Divisão de Certificação - Rio de Janeiro: INT, 2017. 26p. Disponível em: <http://www.int.gov.br/docman/certificacoes-do-int/1560-guia-certifica%C3%A7%C3%A3o-org%C3%A2nica-int-2018/file>. Acesso em: 09 de jun. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003. Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. **Publicado no Diário Oficial da União de 24/12/2003**, p. 8-8, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Decreto Nº 6.323, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2007. Publicado no Diário Oficial da União, Brasília, 28 de dezembro de 2007. Seção 1 , Páginas 2 a 8.

CADERNOS DE ATENÇÃO BÁSICA. **Guia alimentar para a população brasileira**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. 2014.disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf. Acesso em: 09 de jun. 2022.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. 1.ed. Brasília: MDA/SAF, 2004. v.1. 24 p.

CAPORAL, F. R.; AZEVEDO, E. O. (Org.). **Princípios e perspectivas da agroecologia**. IFPRM 2011. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2012/03/CAPORAL-Francisco-Roberto-AZEVEDO-Edisio-Oliveira-de-Princ%C3%ADpios-e-Perspectivas-da-Agroecologia.pdf>. Acesso em: 25 de maio 2022.

CASTRO, C. N.; PEREIRA, C. N. **Agricultura familiar, assistência técnica e extensão rural e a política nacional de ATER**. IPEA. Texto para discussão, 2017. Disponível em: https://www.econstor.eu/bitstream/10419/177559/1/td_2343.pdf. Acesso em 09 de jun. 2022.

CIORGANICOS. **Agricultura orgânica mundial: estatísticas**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://ciorganicos.com.br/biblioteca/agricultura-organica-mundial-estatisticas/>. Acesso em 25 de maio 2022.

CLAUDINO, L. S. D. **Impactos da pandemia de Covid-19 para a agricultura familiar paraense e a Agroecologia como um caminho para a superação**. UNIFESSPA, 2020. Disponível em: https://acoescovid19.unifesspa.edu.br/images/Agricultura_Familiar_e_Covid_Painel_-_tempos_de_crise_2_-_20_07.pdf. Acesso em 05 de jun. 2022.

CLEMENTE, A. P. G. GAMELEIRA, C S. L.; VASCONCELOS, D. S.; LONGO-SILVA, G.; SILVEIRA, J. A. C.; ASAKURA, L.; BARROS, L. M.; OLIVEIRA, M. A. A.; VIDAL, N. A. C.; MENEZES, R. C. E.; BOMFIM, S. P.; HIRAI, W. G. **Feiras Agroecológicas e orgânicas em Maceió: soberania alimentar e protagonismo feminino camponês**. Cadernos de Agroecologia - ISSN 2236 -7934 – Anais do 3o Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia – Vol. 15, Nº 3, 2020. Disponível em: <http://cadernos.abagroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/6327/2494>. Acesso em 25 de maio de 2022.

DAL SOGLIO, F. **Agricultura e sustentabilidade**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

DAROLT, M. R.; LAMINE, C.; BRANDENBURG, A.; ALENCAR, M. C. F.; ABREU, L. S. **Redes alternativas de alimentos e novas relações produtor-consumidor na França e no Brasil**. Ambiente & Sociedade.Vol.19 no.2 São Paulo abr./jun. 2016. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2016000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em 2 jun. 2022.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Mercado Mundial de Alimentos Orgânicos**. Brasília: 2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T (org). **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em 20 de maio 2022.

GODOY, W. I.; ANJO, F. S. **A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local**. Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia. Rev. Bras. Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/1943/1771>. Acesso em 27 de maio de 2022.

GUZMÁN, E. S. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.2, n.1, jan./mar.2001. Disponível em: <http://mstemdados.org/sites/default/files/Uma%20estrategia%20de%20sustentabilidade%20a%20partir%20da%20agroecologia%20-%20Eduardo%20Sevilla%20Guzman%20-%202001.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2022.

GUIMARÃES, C. A. **A feira livre na celebração da cultura popular**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/140-481-1-PB#:~:text=No%20Brasil%2C%20o%20costume%20veio,que%20funcionavam%20ao%20ar%20livre>. Acesso em 15 de maio de 2022.

IBGE. Síntese dos Indicadores Sociais. **Uma análise condições de vida da população brasileira 2008**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: https://web.archive.org/web/20120710024258/http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2008/indic_sociais2008.pdf. Acesso em 25 de maio de 2022.

IFSUL MINAS. **Legislação de produção orgânica no Brasil: projeto de fortalecimento da agroecologia e da produção orgânica nos SPG e OCS brasileiros**. Caderno POAPO, n.3. Minas gerais, 2016. Disponível em: https://portal.ifsuldeminas.edu.br/images/PDFs/proex/publicacoes_livros/cartilha_3.pdf. Acesso em 10 de maio de 2022.

KARAM, K. F. (2004). A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. **Revista Estudos Feministas**, 12(1), 303- 320. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/TtGn767X6Cky3NJqBgxThbT/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 06 jun. 2022.

LIMA, F. R. S. **Perfil da agricultura familiar no Estado do Ceará e mesorregiões**. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15655>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

MACHADO, A. O.; SAN SEGUNDO, M. A. C. **HISTÓRIA E MEMÓRIAS DO ASSENTAMENTO FILHOS DE SEPÉ**. In: **4º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino do IFRS**. 2019. Disponível em: https://eventos.ifrs.edu.br/index.php/Salao_IFRS/4salao/paper/viewFile/8249/3738. Acesso em 31 de maio de 2022.

MIELE, Marcelo; WAQUIL, P. D. SCHULTZ, G. **Mercados e comercialização de produtos agroindustriais**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Editora da UFRGS, 2011.

MORAES, A. R.; BERNARDES, R. S. Caracterização socioeconômica da área de proteção ambiental das ilhas e várzeas do Rio Paraná no estado do Mato Grosso do Sul. **Entre-Lugar**, v.9, n. 17, 2018. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332385005_. Acesso em 10 de maio de 2022.

MOTA, J.; CARVALHO, J. R. **Mercado mundial de alimentos orgânicos**. Embrapa. Panorama do leite. 2016. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/156404/1/Cnpgl-2016-PanLeite86-Mercado.pdf>. Acesso em 05 de maio de 2022.

OLTRAMARI, A. C.; ZOLDAN, P.; ALTMANN, R. **Agricultura orgânica em Santa Catarina**. Florianópolis: Instituto Cepa, 2002. 55p. Disponível em: https://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/organicos.pdf. Acesso em 05 de jun. 2022.

OPAS - Organização Pan-americana de Saúde. **Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em 11 out. 2020.

PACHECO-PORTO, C. R.; CHUQUILLANQUE, D. A. **Caracterização dos feirantes e percepções dos consumidores sobre a Feira Livre de São Lourenço do Sul-RS**. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/articles/210303892.pdf>. Acesso em 07 de jun. 2022.

PENTEADO, S; R. **Introdução à agricultura orgânica**. Escola superior de agricultura Luiz de Queiroz – ESALQ. USP. Piracicaba, 2001.

PETERSEN, P. (org). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/373/ASPTA_agricultura_familiar_camponesa_constru%E7%E3o_futuro.pdf?sequence=1. Acesso em 20 de abril de 2022.

PORTO ALEGRE. **Lei 12.328 de 3 de novembro de 2017**. Institui e define como Zona Livre de Agrotóxicos à Produção Primária e Extrativa a área definida como Zona Rural no Município de Porto Alegre. DOPA, 20 de novembro de 2017. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/porto-alegre/lei-ordinaria/2017/1233/12328/lei-ordinaria-n-12328-2017-institui-e-define-como-zona-livre-de-agrotoxicos-a-producao-primaria-e-extrativa-a-area-definida-como-zona-rural-no-municipio-de-porto-alegre>. Acesso em: 09 de jun. 2022.

PORTO ALEGRE. **Decreto nº 20.505, de 17 de março de 2020.** Decreta situação de emergência e estabelece medidas para os estabelecimentos restaurantes, bares, casas noturnas e outros, para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo Coronavírus (COVID-19) no Município de Porto Alegre. DOPA, Ano XXV, Edição 6207, Terça-feira, 17 de março de 2020. Disponível em: https://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/3276_ce_285098_1.pdf
<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390785#:~:text=Decreto%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20emerg%C3%Aancia%20e,no%20Munic%C3%ADpio%20de%20Porto%20Alegre>. Acesso em 05 de jun. 2022.

ROCHA, Letícia. Capital gaúcha é exemplo no cultivo do alimento limpo e justo. **Instituto Brasil a gosto.** 2020. Disponível em: <http://brasilagosto.org/conheca-a-maior-feira-organica-de-porto-alegre>. Acesso em 02 de jun. 2022.

RODRIGUES, T.; V. HOFFMANN, M.; B. SCHIRMER, S.; B. Contribuição das feiras ecológicas urbanas de porto alegre na formação do licenciado em educação do campo. **Revista Brasileira de Educação do Campo.** Ed. 7165, v. 5. Tocantinópolis, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/7165/17233>. Acesso em 5 jun. 2022.

ROMANOV, N. V. **Análise de propostas de desenvolvimento para aos agricultores orgânicos da feira Ecológica da Redenção.** Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/216659/001120582.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 08 de jun. 2022.

SABOURIN, E.; THOMAS, S.; EGRET, L.; AVILA, M. L. Inovação social na comercialização dos produtos orgânicos e agroecológicos da agricultura familiar no Distrito Federal. **Sustentabilidade em debate**, v. 5, n. 3, p. 98-119, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sust/article/view/15651/13975>. Acesso em: 07 jun. 2022.

SEBRAE. **Tendências no consumo de alimentos.** 2014. Disponível em: moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/3291661/mod_resource/content/1/Tendências%20no%20consumo%20de%20alimentos.pdf. Acesso em 01 de jun. 2022.

SCHNEIDER, S.; FERRARI, D. L. Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar – o Processo de Relocalização da Produção Agroalimentar em Santa Catarina. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, vol. 17, núm. 1, enero-marzo, 2015, pp. 56-71 Universidade Federal de Lavras Minas Gerais, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/878/87838281006.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2022..

SCHULTZ, G.; NASCIMENTO, L. F.M.; PEDROZO, E.; A. As cadeias produtivas dos alimentos orgânicos no município de Porto Alegre/RS frente a evolução das demandas do mercado; lógica de Produção e/ou distribuição. **Dissertação de mestrado**, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <http://ciorganicos.com.br/wp-content/uploads/2013/09/ascadeiasprodutivas.pdf>. Acesso em 08 de jun. 2022.

SOARES, A. B.; FILHO, J. C. L. S.; ABREU, M. C. S.; SOARES, F. A. Revisando a estruturação do modelo DPSIR como base para um sistema de apoio à decisão para a sustentabilidade de bacias hidrográficas. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, v.4, p. 521-543, set/dez. 2011. Maringá, Paraná. Disponível em:

<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/rama/article/view/1922>. Acesso em 30 de abril 2022.

SEBRAE. **O mercado para os produtos orgânicos está aquecido**. 2020. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-mercado-para-os-produtos-organicos-esta-aquecido,5f48897d3f94e410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso 01 de jun. 2022.

STORCH, G. SILVA, F. F.; BRIZOLA, R. M. O.; AZEVEDO, R.; VAZ, D. S.; BEZERRA, A. J. A. Caracterização de um grupo de produtores agroecológicos do sul do Rio Grande do Sul. **Current Agricultural Science and Technology**, v. 10, n. 3, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/CAST/article/view/972>. Acesso em 05 de jun. 2022.

VÁSQUEZ, S.; SOUZA, B. J. D.; SILVA, M. F. P. Agricultura orgânica: caracterização do seu produtor na cidade de Cajazeiras, PB. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 3, n. 2, p. 87-97, 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7481916>. Acesso em: 05 de jun. 2022.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA**ENTREVISTA A (RESPONSÁVEL PELA BANCA)****BANCA NÚMERO:** _____**DATA DA ENTREVISTA:** ____ / ____ / _____**QUAL O SEU NOME?** _____**1. QUAL O SEU MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA?** _____**2. QUAL A SUA IDADE?** _____**3. QUAL O SEU SEXO?** MASCULINO FEMININO NÃO INFORMADO**4. QUAL A SUA COR OU RAÇA:** BRANCA PRETA AMARELA
 PARDA INDÍGENA NÃO INFORMADO**5. A QUANTOS ANOS VOCÊ ESTÁ ATUANDO NESTA FEIRA?** _____**6. ESSA BANCA É INDIVIDUAL OU COLETIVA?** INDIVIDUAL COLETIVA NÃO INFORMADO**7. QUAL O TIPO DE CERTIFICAÇÃO QUE POSSUI?** AUDITORIA PARTICIPATIVA
 ORGANIZAÇÃO DE CONTROLE SOCIAL
 NÃO INFORMADO/NÃO SABE**8. QUAL É O SEU GRAU DE ESCOLARIDADE?** NÃO SABE LER E ESCREVER
 ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO
 ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO
 ENSINO MÉDIO INCOMPLETO
 ENSINO MÉDIO COMPLETO

- ENSINO MÉDIO COM CURSO TÉCNICO
- ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
- ENSINO SUPERIOR COMPLETO
- MESTRADO OU DOUDORADO
- NÃO INFORMADO

9. QUAL A ORIGEM DOS PRODUTOS QUE VOCÊ COMERCIALIZA?

- VEGETAIS ANIMAIS PROCESSAMENTO
- NÃO INFORMADO

10. QUEM PRODUZ OS PRODUTOS COMERCIALIZADOS POR VOCÊ?

- O PRÓPRIO SUA FAMÍLIA
- NÃO INFORMADO
- ADQUIRIDOS/PARCEIRA DE OUTROS PRODUTORES. **QUAIS SÃO ESSES PRODUTOS?**

- 1) _____
- 2) _____
- 3) _____

11. A SUA RENDA É OBTIDA DE QUE FORMA?

- EXCLUSIVA DESSA FEIRA DESSA FEIRA E DE OUTRAS FEIRAS
- DESSA FEIRA E DE TRABALHO ASSALARIADO
- NÃO INFORMADO
- DESSA FEIRA E DE OUTRAS FORMAS DE COMERCIALIZAÇÃO. **QUAIS?**

ENTREVISTA B (AGRICULTORES)

12. QUAL O TAMANHO DA PROPRIEDADE (HECTARES)? _____

13. QUAL O TAMANHO DA ÁREA CULTIVADA (HECTARES)? _____

14. QUAL A SUA CONDIÇÃO EM RELAÇÃO À PROPRIEDADE:

- () PROPRIETÁRIO () ARRENDATÁRIO () PARCEIRO
 () OCUPANTE
 () NÃO INFORMADO

15. A QUANTO TEMPO VOCÊ CULTIVA/PRODUZ NO SISTEMA AGROECOLÓGICO? (em anos) _____

16. VOCÊ RECEBE ORIENTAÇÃO TÉCNICA?

- () SIM () NÃO () NÃO INFORMADO

16.1. SE SIM, DE QUEM: _____

17. VOCÊ ACESSA ALGUM TIPO DE FINANCIAMENTO PÚBLICO?

- () SIM () NÃO () NÃO INFORMADO

18. QUAIS OS IMPLEMENTOS/EQUIPAMENTOS QUE UTILIZA?

- () APENAS MÃO DE OBRA HUMANA
 () MAQUINÁRIOS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS
 () OUTRAS. QUAIS? _____
 () NÃO INFORMADO

19. VOCE POSSUI ALGUM TIPO DE IRRIGAÇÃO PARA SEUS CULTIVOS/PRODUÇÃO?

- () SIM () NÃO () NÃO INFORMADO

20. SE SIM, QUAL FONTE DE IRRIGAÇÃO?

- () CAPTAÇÃO DE ÁGUA DA CHUVA () ARROIOS OU RIOS
 () VERTENTES () AÇUDES () NÃO INFORMADO/NÃO SE APLICA
 () POÇO ARTESIANO () OUTROS. QUAIS? _____

21. QUAL(IS) CULTIVO(S)/PRODUÇÃO É DESENVOLVIDO NA PROPRIEDADE?

- () FRUTICULTURA () HORTIFRUTI
 () FLORICULTURA () OVOS
 () LATICÍNIOS () OUTROS. QUAIS? _____
 () NÃO INFORMADO

22. QUAL(IS) TÉCNICA(S) UTILIZA NESSE CULTIVO/PRODUÇÃO:

- () SAF (SISTEMA AGROFLORESTAL) () PERMACULTURA
 () BIODINAMICO () FLORESTA SINTROPICA
 () NÃO INFORMADO
 () OUTROS. QUAIS? _____

23. O(S) SEU(S) CULTIVO(S)/PRODUÇÃO(ÕES) É TODO DESTINADO À COMERCIALIZAÇÃO?

- () SIM () NÃO () NÃO INFORMADO

24. QUAIS OS PRODUTOS DE HORTIFRUTI QUE SÃO DE PRODUÇÃO PRÓPRIA E COMERCIALIZADOS POR VOCÊ NA FEIRA?

- 1) _____
 2) _____
 3) _____

25. QUAIS OS PRODUTOS DE FRUTICULTURA QUE SÃO DE PRODUÇÃO PRÓPRIA E COMERCIALIZADOS POR VOCÊ NA FEIRA?

- 1) _____
 2) _____
 3) _____

26. QUAIS OS PRODUTOS DE FLORICULTURA QUE SÃO DE PRODUÇÃO PRÓPRIA E COMERCIALIZADOS POR VOCÊ NA FEIRA?

- 1) _____
 2) _____

3) _____

27. QUAIS OS PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL QUE SÃO DE PRODUÇÃO PRÓPRIA E COMERCIALIZADOS POR VOCÊ NA FEIRA?

1) _____

2) _____

3) _____

28. QUAL A FORÇA DE TRABALHO QUE UTILIZA?

() MÃO DE OBRA FAMILIAR (EXCLUSIVA)

() AUXÍLIO DE DIARISTAS

() EMPREGAD FORMAL

() OUTROS. QUAIS? _____

() NÃO INFORMADO

29. QUANTAS PESSOAS RESIDEM NA PROPRIEDADE? _____

ENTREVISTA C (PROCESSAMENTO DE ALIMENTOS)

30. QUAL O TEMPO DE FUNCIONAMENTO DA AGROINDÚSTRIA?

31. QUAL O TIPO DE AGROINDÚSTRIA:

- () PRÓPRIA () DE TERCEIOS () COMUNITÁRIA PÚBLICA
 () COMUNITÁRIA PRIVADA (COOPERATIVA, SINDICATO)
 () OUTROS. QUAIS? _____
 () NÃO INFORMADO

32. QUAL O TIPO DE ATIVIDADE DA AGROINDÚSTRIA?

- () ORIGEM ANIMAL () PANIFICAÇÃO E MASSAS
 () ORIGEM VEGETAL () OUTROS. QUAIS?
 () NÃO INFORMADO

33. QUAL A ORIGEM DA ÁGUA QUE UTILIZA?

- () ÁGUA PÚBLICA () POÇO ARTESIANO
 () SISTEMA COLETIVO PRÓPRIO () NÃO INFORMADO
 () OUTROS. QUAIS? _____

34. POSSUI TRATAMENTO DE EFLUENTES:

- () SIM. QUAL SISTEMA DE TRATAMENTO? _____
 () NÃO () NÃO INFORMADO

35. QUAL A MÃO DE OBRA UTILIZADA NA AGRONDUSTRIA?

- () INDIVIDUAL () FAMILIAR ()
 COLABORADOR () NÃO INFORMADO
 () OUTRO. QUAL? _____

36. QUAIS OS PRODUTOS PROCESSADOS QUE SÃO DE PRODUÇÃO PRÓPRIA E COMERCIALIZADOS POR VOCÊ NA FEIRA?

- 1) _____
 2) _____
 3) _____

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO
Trabalho de Conclusão de Curso
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS

NOME: _____
RG/CPF: _____

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso “**Por trás da feira – Estudo de caso da Feira Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre/RS.**”, para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso “Por trás da feira – Estudo de caso da Feira Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre/RS.” – do Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo “Analisar o perfil dos agricultores/feirantes da Feira Ecológica do Bom Fim, Porto Alegre, quanto as culturas produzidas”.

A minha participação consiste na recepção do aluno “Daniela Moreira da Silva” para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, () **AUTORIZO** / () **NÃO AUTORIZO** a minha identificação para a publicação do TCC

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura _____

Porto Alegre, ____/____/2022